

RITA DE CÁSSIA SILVA TAGLIAFERRE

FORMAS E FUNÇÕES DA REPETIÇÃO NO CONTEXTO DAS AFASIAS

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Campinas, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (IEL/UNICAMP)

CAMPINAS
São Paulo – Brasil
Outubro/2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

T128f

Tagliaferre, Rita de Cássia Silva.
Formas e funções da repetição no contexto das afasias /
Rita de Cássia Silva Tagliaferre. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Edwiges Maria Morato.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Repetição (Lingüística). 2. Afasia. 3. Neurolingüística. 4.
Interação. I. Morato, Edwiges Maria.. II. Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: Forms and functions of the repetition in the context of the aphasias.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Repetition, Aphasia, Neurolinguistics, Interaction.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

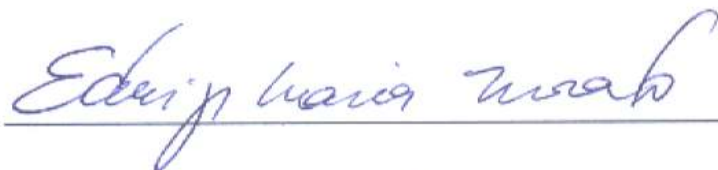
Banca examinadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (orientador), Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Profa. Dra. Margareth de Souza Freitas.

Data da defesa: 14/10/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato



Ingedore Grunfeld Villaça Koch



Margareth de Souza Freitas



Ivone Panhoca



Heloisa de Oliveira Macedo



IEL/UNICAMP

2008

Dedico este trabalho ao meu marido, Cristiano Tagliaferre e aos meus pais, Ana Maria e Antônio de Castro (*in memoriam*), pelo olhar de admiração e incentivo.

Um agradecimento especial à Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida.

À FAPESP, pela concessão da bolsa, e ao parecerista pelas apreciações e sugestões.

À Profa. Dra. Edwiges Morato pelas preciosas orientações, essenciais para a concretização desta pesquisa.

À Profa. Dra. Ingedore Koch pelas importantes contribuições apresentadas durante a elaboração deste trabalho.

À Profa. Dra. Margareth de Souza Freitas, por me incentivar, desde a graduação, a dar continuidade a vida acadêmica, bem como pelas valiosas sugestões na banca de qualificação.

Ao grupo do CCA, em especial aos sujeitos NS e SI que fizeram parte desta pesquisa.

Aos meus amigos do grupo de pesquisa, em especial à Sandra Cazelato, Heloisa Macedo e Camila Donzeli, pelas preciosas leituras, amizade e companheirismo.

Aos meus amigos Antônio Pessotti e Aroldo, pela ajuda com o programa estatístico, o meu muito obrigado.

Um agradecimento especial à Lílian Dal Cin (Lilica), obrigada pela amizade e carinho desde a graduação.

Aos meus amigos de república Lilian, André, Sandra e Daisy, pela acolhida nestes últimos meses.

Aos meus amigos Aline Gravina, Fábio Fortes, Lilian Teixeira, Carolina Hebling, Marta Moraes, Júlia Marinho, Karla Santos, Patrik Vezali, Emerson Carvalho e Gabriela Menegatti, com os quais discuti questões importantes deste trabalho, pela amizade e pelos momentos de descontração na “Arcádia”.

Aos meus irmãos, Estelita, Dulce e João Paulo, e aos meus sobrinhos, por compreender a minha ausência nestes anos de dedicação à pesquisa, minhas desculpas.

Aos meus tios Antônia e José Antônio, por terem me acolhido com carinho familiar, e às minhas primas Tainá e Markione, pelo carinho de irmãs.

*“Eu me interessei pela linguagem
porque ela me fere ou me seduz”.*
(BARTHES, 1996 p.51).

RESUMO

Este estudo, que se insere no campo da Neurolingüística, reporta o resultado de nossa pesquisa sobre o estatuto da repetição na linguagem de dois sujeitos afásicos, mais especificamente, adultos portadores de uma perturbação da linguagem, decorrente de uma lesão cerebral adquirida, em que há alteração de elementos lingüísticos orais ou escritos relacionados tanto ao processo de produção quanto de interpretação da linguagem verbal (COUDRY, 1988; MORATO et al., 2002). A repetição, enquanto fator textual, lingüístico e interacional, pode ser definida como segmentos repetidos duas ou mais vezes em um mesmo evento comunicativo (MARCUSCHI, 1992:31). O presente trabalho tem como objetivo verificar a freqüência de uso das formas e das funções da repetição na fala desses sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), localizado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Seu propósito é caracterizar o fenômeno da repetição no contexto das afasias, a fim de levantar suas principais características lingüísticas no contexto das patologias. Este estudo, além de refletir sobre as semelhanças e as diferenças entre aspectos normais e patológicos do fenômeno, procura fornecer elementos teóricos para o enfrentamento crítico de estereótipos vigentes, segundo os quais a repetição, seja no campo da normalidade, seja no campo da patologia, é necessariamente uma excrescência em relação aos processos de linguagem. Os dados analisados foram extraídos de situações interativas envolvendo afásicos e não afásicos que freqüentam o CCA. O *corpus* do estudo é constituído de dados relativos a dois sujeitos, um com afasia expressiva e outro com afasia receptiva. Nele, foram focalizadas tanto as condições de emergência da repetição, quanto suas características lingüístico-discursivas. Verificou-se que o afásico faz uso da repetição de maneira plurifuncional, tanto quanto o sujeito não-afásico, repete não só com a intenção de se fazer entender, como para dar a sua versão acerca do que se fala. Os resultados obtidos nesta pesquisa colocam em xeque

a noção de fluência e disfluência, principalmente as semelhanças e particularidades de produção entre os dois falantes aqui analisados.

Palavras-chave – repetição, afasia, neurolingüística, interação

ABSTRACT

This study, which is inserted in Neurolinguistic field, reports the results of our research on language repetition status of two aphasic individuals, more specifically, it deals with adults which presented language disorder, due to acquired brain disorder, in which there were some oral and written elements alterations related to both production process and oral (verbal) language interpretation (COUDRY, 1988; MORATO *et al.*, 2002). The repetition, as textual, linguistic and interactive factor, can be defined as the segments repeated twice or more times in the same communicative event (MARUSCHI, 1992:31). The aim of this work was to verify the frequency in the use of forms and repetition functions in these aphasic individuals language, who attended to *Centro de Convivência de Afásicos* (CCA), at Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP. Its purpose was characterize the repetition phenomenon in aphasia, in order to get its main linguistic characteristics within pathology context. This study, besides, reflecting about the similarities and dissimilarities between “normal” and pathological” aspects of the phenomenon, try to provide theoretical elements for a critical review of the current stereotypes, according to which the repetition, either in normality or pathological domains, is a necessarily an excrescence in the language process. The analyzed data were extracted from interactive situations involving aphasic and non-aphasic that attended CCA. The studied *CORPUS* was constituted of data related to two individuals, presenting expressive aphasia and receptive aphasia respectively. It was focused both conditions of repetition rising as well as on its discourse and linguistic characteristics. We concluded that the aphasic as well as the non aphasic made use not only the repetition in a plurifunctional way, not to make him/her to be understood but also to give his/her version about what is being talking about. The results obtained in this research challenge the notions of fluency and non-fluency, mainly the similarities and particularities of production between the two speakers analyzed here.

Key-words: repetition, aphasia, neurolinguistics, interaction

INTRODUÇÃO	14
I.I. Proposta.....	15
I.II. Partes constituintes da dissertação.....	15
CAPÍTULO 1	17
A repetição como um fenômeno relevante para a Neurolingüística: apresentação do problema teórico da Dissertação	17
1.1. Neurolingüística e Afasiologia	17
1.2. As Afasias.....	18
1.3. Paul Broca e a descrição das afasias “disfluentes”	20
1.4. Carl Wernicke e a descrição das afasias “fluentes”	21
1.5. Sobre a questão fluente versus disfluente.....	22
1.6. A repetição como um problema teórico	24
1.7. O Centro de Convivência de Afásicos (CCA): espaço de interação entre sujeitos afásicos e não afásicos.....	24
1.8. Sistema de notação utilizado para transcrição do Corpus	26
CAPÍTULO 2	27
Fundamentação teórica.....	27
2.1. Algumas abordagens da repetição na oralidade e na escrita	27
2.2. Uma abordagem interacionista no campo da Lingüística.....	32
2.3. Perspectivas lingüístico-textuais da repetição: aspectos teóricos e metodológicos	35
2.4. A correção como uma estratégia textual-interativa da repetição.....	40
2.5. A repetição no campo das afasias.....	41
2.6. Relação dos tipos de repetição quanto à forma e à função	43
CAPÍTULO 3	51
3.1. Descrição do corpus.....	51
3.2. Histórico dos sujeitos analisados na pesquisa	52
3.3. Apresentação e discussão dos dados	54
3.3.1. função de Coesão.....	55
3.3.2. Coesão Seqüencial	57
3.3.3. Reconstrução de estruturas	58
3.3.4. Formulação corretiva.....	60
3.3.5. Formulação expansiva e hesitativa	66
3.3.6. Parentização.....	68
3.3.7. Compreensão intensificativa.....	70
3.3.8. Reforço/ênfase.....	73
3.3.9. função de esclarecimento.....	75
3.3.10. Função de reafirmação.....	77

3.3.11. Função de contraste	80
3.3.12. Função de contestação	81
3.3.13. Monitoração da tomada de turno	84
3.3.14. Função de ratificação do papel do ouvinte	86
3.3.15. Função de incorporação	87
3.4. Análise estatística das ocorrências das repetições	91
3.4.1 – Resultados da análise estatística dos dados	93
3.5. Tabulações Cruzadas	100
3.5.1. Produção X segmento	100
3.5.2. Produção X distribuição	100
3.5.3. Produção X configuração	101
3.5.4. Formas de produção <i>versus</i> funções textual-discursivas	101
CAPÍTULO 4	102
4.1. Considerações finais	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
ANEXO.....	114
1. Sistema de notação.....	114

INTRODUÇÃO

A criação da linguagem é uma necessidade inata da humanidade. Ela não é um mero veículo externo, designado a sustentar o intercuro social, mas um fator indispensável para o desenvolvimento intelectual (HUMBOLDT, 1836/1972:5).

Neste trabalho, pretende-se mostrar que a repetição não é uma estratégia comunicativa somente dos falantes “normais”. Na realidade, é uma estratégia comum a todos os falantes. Mostramos em nosso estudo que os afásicos repetem não só para se fazer entender ou se organizar em termos cognitivos; suas ocorrências indicam tratar-se de um fenômeno característico da língua falada em seus mais variados contextos, seja para fazer referência, corrigir, contrastar, trocar o turno, enfatizar etc.

Este estudo, que se insere no campo da Neurolingüística, reporta o resultado de nossa pesquisa sobre o estatuto da repetição na linguagem de dois sujeitos afásicos, mais especificamente, adultos portadores de uma perturbação da linguagem, decorrente de uma lesão cerebral adquirida, em que há alteração de elementos lingüísticos orais ou escritos relacionados tanto ao processo de produção quanto de interpretação da linguagem verbal (COUDRY, 1988; MORATO et al., 2002).

Os dados são aqui analisados de maneira longitudinal, qualitativa e também quantitativa. Para tanto, tomamos as ocorrências e as condições de emergência da repetição de modo a proporcionar um melhor entendimento do fenômeno no campo das afasias.

Marcuschi (1992), em seu amplo estudo sobre o tema, estabelece uma tipologia geral, levando em consideração os aspectos formais e funcionais da repetição. A partir da abordagem textual-interativa adotada por este autor, o presente estudo analisa as várias formas e funções que a repetição assume em situações interativas, indicando: *i)* seus contextos de *produção* (auto-repetição e hetero-repetição); *ii)* seu estatuto lingüístico (morfológico, lexical, sintagmático, oracional); *iii)* sua *distribuição* (contígua, próxima, distante); *iv)* destacando ainda as funções textual-discursivas quanto à sua marca (*coesão, formulação, compreensão, argumentação e interação*), bem como suas funções dentro de um contexto interativo. Com isso, procura-se destacar aqui o ponto

de vista que privilegia o aspecto lingüístico-interacional da conversação de uma forma geral, e da repetição, em particular.

I.I. Proposta

Este trabalho parte da idéia de que o conhecimento mais circunstanciado da natureza lingüístico-discursiva da repetição fornece esclarecimentos relacionados à semiologia da repetição nas afasias e elementos de discussão sobre os diferentes contextos, normais e patológicos, em questão.

Tendo-se como base o trabalho de Tannen (1987, 1989, 1990) e, principalmente, o de Marcuschi (1992), dentre outros, foram analisadas as formas e as funções da repetição nas afasias. No caso das afasias, é interessante tomar de empréstimo a análise levada a cabo por estes dois autores para mostrar que a repetição não está somente vinculada a questões lingüísticas *stricto sensu*, mas, sobretudo, a questões sócio-cognitivas e textual-interativas.

Em termos metodológicos, foi focalizada no contexto das afasias a presença da repetição no quadro dos dois tipos emblemáticos de afasia, fluente (afasia de Wernicke) e disfluente (afasia de Broca). Assim, foram tomados dados lingüísticos interacionais de dois sujeitos que freqüentam o CCA: SI, com afasia de Wernicke (compreensão) e NS, com afasia de Broca (produção).

No decorrer do trabalho, levamos em conta várias definições dos dois quadros emblemáticos de afasia supracitados, a de Wernicke e a de Broca, caracterizados de acordo com as dicotomias clássicas da Antigüidade Afasiológica do século XIX, como fluentes e disfluentes, receptivas e expressivas, motoras e sensoriais, anteriores e posteriores, respectivamente.

I.II. Partes constituintes da dissertação

O trabalho foi organizado a partir dos seguintes capítulos:

Capítulo I: Este capítulo aborda questões relacionadas ao estatuto neurolingüístico das afasias, descrevendo pontos relevantes na área da Neurolingüística e da Afasiologia, bem como a definição dos dois tipos clássicos de afasia para melhor contextualizar, nesses campos de estudo, o tratamento dado ao fenômeno da repetição. Foi feita uma breve apresentação do CCA, bem como a caracterização do problema teórico relacionado à repetição.

Capítulo II: Este capítulo focaliza os aspectos teóricos e metodológicos relacionados à repetição. Trata-se de um estudo direcionado à fala, privilegiando a interação entre interlocutores afásicos e não afásicos que se valem das formas e das funções da repetição, a partir de uma abordagem de cunho lingüístico-interacional, para a qual concorrem trabalhos de Marcuschi (1992), Koch (2001; 2005) e Tannen (1987,1989), dentre outros que, de forma direta ou indireta, contribuíram para uma melhor análise da repetição no contexto das afasias.

Capítulo III: Este capítulo apresenta a análise qualitativa e quantitativa dos dados, bem como a apresentação e discussão dos dados. Dedicase também ao estudo da repetição em contextos de linguagem ordinária. Este estudo incide nas práticas lingüísticas de sujeitos afásicos em interação com outros sujeitos (afásicos e não afásicos). A análise realizada com os sujeitos não afásicos não foi quantitativa, esta nos serviu para mostrar como as ocorrências da repetição acontecem também na fala de sujeitos não afásicos. Também foi feita uma breve descrição do histórico dos dois sujeitos supracitados. Neste capítulo, ainda, foi feita a análise estatística dos dados, mediante a utilização do programa GOLDVARB X¹, cuja estratificação privilegia as formas e as funções da repetição.

Capítulo IV: Neste capítulo, estão expostas a discussão dos resultados e as considerações finais.

¹ O Goldvarb X é um pacote para análise multivariada para o sistema operacional Windows. Trata-se de uma ferramenta de análise estatística com as mesmas características do Goldvarb 2001. Este programa pode ser encontrado no site: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm.

CAPÍTULO 1

A repetição como um fenômeno relevante para a Neurolingüística: apresentação do problema teórico da Dissertação

1.1. Neurolingüística e Afasiologia

Este capítulo aborda algumas questões relacionadas ao estatuto neurolingüístico das afasias para melhor contextualizar, nesse campo de estudo, o tratamento dado ao fenômeno da repetição. Assim, foram levantadas inicialmente algumas questões relevantes sobre a Neurolingüística e a Afasiologia, e suas implicações.

No século XIX, a descrição sistemática das alterações da linguagem decorrentes de lesões cerebrais deu origem à Afasiologia. Dos interesses iniciais pelas afasias aos estudos dos processos lingüísticos e cognitivos do cérebro, normal ou patológico, originou-se a Neurolingüística.

Pode-se dizer que a Neurolingüística envolve dois campos do conhecimento humano: a Neurociência, que se interessa pelo conhecimento do cérebro e da mente e suas relações com o comportamento humano, e a Lingüística, ciência que se interessa pelo conhecimento científico da linguagem humana.

A Neurolingüística tem sido mais tradicionalmente definida como o campo que estuda a linguagem e suas relações anatômicas, fisiológicas e funcionais com o cérebro, visando relacionar determinadas estruturas cerebrais com distúrbios específicos da linguagem. Em linhas gerais, podemos dizer que a Neurolingüística preocupa-se com o estudo do processamento normal e patológico da linguagem, bem como com a análise da influência dos estados patológicos no funcionamento da linguagem e, ainda, com a análise dos processos verbais e não-verbais de sujeitos afetados por patologias cerebrais e cognitivas (MORATO, 2001).

Sabe-se que muitas são as classificações propostas para avaliar a diversidade de quadros afásicos, e vários são os estudos que têm contribuído com a descrição das

patologias relacionada às afasias. Porém, sobre o estatuto neurolingüístico das afasias, só recentemente é que os estudos da área se interessaram por situações de uso e por práticas lingüísticas a fim de fornecer um maior esclarecimento do fenômeno afásico.

1.2. As Afasias

O problema da relação cérebro-linguagem toma forma no início do século XIX, período em que predominou a Frenologia, alargando os interesses em direção aos estudos anátomo-fisiológicos da linguagem e seus distúrbios.

Segundo a perspectiva estruturalista, que marca o início dos estudos afasiológicos, as afasias têm sido tradicionalmente divididas em dois grandes grupos: fluentes e não-fluentes, posteriores e anteriores, sensoriais e motoras. As afasias não-fluentes, cujas lesões são geralmente localizadas na parte anterior do cérebro, apresentam, em especial, problemas de expressão, como fala telegráfica, agramatismo, apraxia buco-lábio-lingual, alterações fono-articulatórias, que são as características das afasias de Broca. Já as afasias fluentes, relacionadas às lesões localizadas na região mais posterior do cérebro, região têmporo-parietal, apresentam mormente problemas de compreensão, ausência de déficits articulatórios, anomias, parafasias verbais ou semânticas. Tais são as características gerais das afasias de Wernicke. Hoje em dia, questiona-se essa visão estruturalista baseada na compreensão de linguagem como sistema fechado.

A afasia tem sido sobremaneira definida como um problema metalingüístico, conforme postula Jakobson (1954/1981), para quem a considera como um problema relativo às operações metalingüísticas. Isso quer dizer que o que estaria afetado nas afasias diz respeito fundamentalmente a um conhecimento metalingüístico do mundo. Segundo Morato:

Tornou-se clássico afirmar sobre as afasias que elas perturbam a metalinguagem. Isso porque falar uma língua (e fazê-lo adequadamente) estaria subordinado à capacidade (lógico-perceptiva, bem entendido) de falar sobre esta língua. (...) É sabido que tradicionalmente se têm considerado os

procedimentos “meta” como uma questão essencialmente cognitiva (a criança “ganha” ou “entra” na linguagem pela tomada de consciência do objeto lingüístico, pela atitude mental frente à linguagem e seu funcionamento; as afasias suprimiriam, por assim dizer, justamente essa capacidade lingüística de que os falantes são dotados, ou seja, “perder-se-ia” nas afasias não apenas a capacidade de falar sobre a linguagem, mas essa possibilidade de reflexividade da linguagem que consiste numa reação de reparação e de reconstituição de processos lingüísticos) (MORATO, 2005, p.82).

De acordo com Morato (2003:154), “a afasia é, basicamente, uma questão de linguagem; um problema discursivo, não redutível apenas aos níveis lingüísticos, isto é, à língua”. Para a autora, a afasia envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos afeitos a ela, abarcando as práticas lingüístico-discursivas que caracterizam as rotinas humanas.

Os sujeitos que têm afasia têm necessariamente uma lesão no cérebro, o que pode perturbar outros mecanismos cognitivos, trazendo conseqüências, por vezes, devastadoras, ao indivíduo e seus familiares. Nesse sentido, imaginar o que a afasia causa na vida do sujeito, não é muito difícil, pois “a qualidade de vida do sujeito cérebro-lesado será proporcional à intensidade do impacto da afasia” (MORATO, 2003, p. 155).

A afasia, geralmente, é acompanhada por alterações de processos cognitivos e sinais neurológicos, como a hemiplegia, a apraxia, a agnosia, a anosognosia *etc.* Essas alterações podem-se manifestar tanto na produção quanto na compreensão da fala. Em graus variados, as afasias afetam a linguagem em seus vários níveis: fono-articulatório e expressivo, com dificuldades de articular e produzir sons; sintático, com dificuldades na capacidade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente” bem aceitas, como, por exemplo, a “fala telegráfica”, em que há ausência dos elementos conectivos; lexical, com dificuldades de acesso às palavras, além de dificuldades de produção e interpretação do sentido nos enunciados proferidos em vários contextos conversacionais (*cf* MORATO et al, 2002).

Longe de reduzir a afasia a uma questão cognitiva *stricto sensu* ou meramente metalingüística, conforme é tradicionalmente considerado no campo dos estudos afasiológicos, esta pesquisa pretende aprofundar seu contorno lingüístico-interacional a

partir da análise das interações nas quais os sujeitos afásicos e não afásicos se engajam cotidianamente. Esta perspectiva permite um entendimento mais abrangente do fenômeno da repetição na fala dos sujeitos aqui analisados.

1.3. Paul Broca e a descrição das afasias “disfluentes”²

O grande desenvolvimento do estudo da afasia ocorreu com Paul Broca e Carl Wernicke que descreveram, respectivamente, uma afasia de produção e uma de compreensão. Como o *corpus* deste estudo levará em conta dados de dois sujeitos diagnosticados como portadores de Afasia de Broca e de Afasia de Wernicke.

Em 1861, o médico francês Paul Broca, pesquisador que acreditava no princípio da localização, realizou de forma pioneira uma abordagem clínica sobre um sujeito internado no Hospital Bicêtre, em Paris, onde trabalhava. Em um de seus trabalhos, ele estudou o cérebro deste paciente, que só conseguia dizer duas palavras, “tan tan”. Este paciente não escrevia, mas conseguia se comunicar através de gestos. Após sua morte, Broca examinou seu cérebro e constatou que a primeira circunvolução frontal esquerda estava atrofiada e, na parte posterior da terceira circunvolução frontal esquerda, havia uma cavidade.

Um segundo paciente de Broca, chamado Lelong, que não lia nem escrevia, mas também usava muitos gestos, teve, após sua morte, seu cérebro examinado. Broca constatou perda considerável de uma substância na terceira circunvolução frontal esquerda.

Fundamentando-se nesses dois casos, Broca concluiu que o centro de controle da fala estaria situado na parte posterior da terceira circunvolução frontal. Esta parte do cérebro se tornou conhecida como área de Broca e é responsável pelo centro da fala. Assim, em função das graves dificuldades de expressão oral: fala telegráfica,

² As noções como *ruptura*, *descontinuidade*, *desaceleração*, *interrupção*, com seus traços semânticos de negatividade, têm sido relacionadas, de forma genérica, direta ou indiretamente, à disfluência (BUTLER-WALL, 1996, p. 324).

agramatismo, apraxias, automatismos, desses pacientes, convencionou-se chamar de afasia disfluente (KANDEL et al., 2000).

1.4. Carl Wernicke e a descrição das afasias “fluêntes”³

Em 1874, o neurologista alemão Carl Wernicke buscou traçar conexões sensoriais no córtex cerebral. Até aquele momento, os estudos se baseavam na correlação local em função mental. O autor acreditava que o sistema nervoso era composto por várias sinapses interconectadas, em que a parte anterior do cérebro era responsável pelos movimentos, e a parte posterior, pelas impressões sensoriais.

Wernicke identificou que lesões na superfície superior do lobo temporal interrompiam a fala normal. Segundo ele, esta seria a área auditiva da fala, localizada na primeira circunvolução temporal. Sendo assim, os sujeitos com lesão nesta área, denominada área de Wernicke, apresentam perda da compreensão da linguagem, parafasia semântica, perda da significância das palavras, agramatismo.

Além da dicotomia produção/compreensão da linguagem, discute-se mais recentemente a dicotomia fluente/disfluente. A noção de fluência é fundamental nas primeiras descrições das afasias e tem sido rediscutida pelos autores que estudam a oralidade e as práticas conversacionais, em contextos da linguagem afásica. A essa questão dedicaremos a seção seguinte.

³ A fluência no nível do enunciado deve ser definida como a habilidade de executar regras de fala ‘suavemente’ ou a habilidade de produzir fala sem (ou com uma quantidade mínima de) disfluências – pausas longas, pausas preenchidas, preenchedores, repetições e recomeços. A fluência no nível do discurso, por outro lado, deve ser definida como a habilidade de resolver problemas de fala (lingüísticos e interpessoais) no tempo real ou a habilidade de movimentar a fala para adiante [...] A fluência significa a habilidade de suavizar fronteiras, fornecer transições, minimizar justaposições abruptas. Finalmente, a fluência conversacional significa a habilidade de dosar tensões entre nossas próprias necessidades e as necessidades do interlocutor (CRESCITELLI, 1997, p. 28).

1.5. Sobre a questão fluente *versus* disfluente

Não há alguém no mundo totalmente fluente. Todos nós, em determinados momentos hesitamos, repetimos, bloqueamos, gaguejamos. A disfluência é o lugar da subjetivação, o lugar onde a língua, enquanto outro faz efeito na criança, que joga com as regras e é levada a assemelhar-se à fala do adulto. Esta disfluência é constituinte do sujeito que permanece presente no discurso do adulto, uma vez que o conceito de fluência é ideal (AZEVEDO, 2003:3).

O conceito de fluência tem sido rediscutido recentemente por estudiosos da Lingüística. Em outras áreas que trabalham com distúrbios da fala, este fenômeno tem se mostrado de maneira mais saliente. Isto pode ser explicado pela necessidade de se compreender melhor o conceito dentro das patologias de fala que buscam um padrão adequado de “normalização”.

De acordo com Scarpa (1995), a maneira mais utilizada para definir fluência segundo os lingüistas, psicolingüistas, fonoaudiólogos, entre outros profissionais, é através de sua negativa que pode ser explicada pela unidade de resposta destituída de disfluência, prolongamentos e pausas. Para esta autora (*op.cit.*), esta definição está sujeita a uma interpretação ambígua, pois quando se fala de fluência, este termo parece ser um fenômeno “de fácil compreensão”, que é resistente a uma definição “direta e não ambígua”, segundo Finn & Ingham (1991:92).

Entre os lingüistas, o termo fluência tem-se tornado polêmico ao ser discutido, especialmente em relação ao que seja fluente e disfluente. Assumindo uma atitude formal frente ao assunto, Fillmore (1979:93) admite que “a palavra fluência recobre uma vasta gama de habilidades lingüísticas”; o primeiro tipo é a capacidade de falar extensamente sem pausas; o segundo é a habilidade de produzir sentenças coerentes e pensadas semanticamente; o terceiro tipo é quando uma pessoa diz a coisa certa, estando verbalmente à vontade em diversas situações de comunicação; o quarto tipo de fluência diz respeito à habilidade de demonstrar o uso imaginativo e criativo da linguagem. Como se pode ver, o termo fluência tem diversas definições, seja no campo

da motricidade, seja do desempenho do uso da linguagem oral, não podemos conceituá-la simplesmente como fala ideal.

Apesar da dificuldade de se definir o termo “disfluente”, observamos a descrição do mesmo pela utilização de fenômenos como interjeições, repetições, pausas, hesitações, que indicam esta caracterização para crianças em fase inicial de linguagem ou entre falantes adultos com dificuldades de fala.

No campo das patologias, a disfluência pode ser definida como relativa a problemas de elaboração ou processamento de memória, de acesso lexical, mas, no campo da Lingüística, estas características têm sido descartadas, pois, de acordo com Koch (2005), as interrupções, correções, repetições, hesitações, são características constitutivas da linguagem oral.

Para Nascimento & Chacon (2006), as hesitações não se reduziram a indícios de descontinuidade do fluir temático, como os estudos mais tradicionais enfocam esse fenômeno. Enfocá-las de forma normativista seria para estes autores:

negligenciar a complexa natureza e constituição do discurso, circunscrevendo-o ao que seria um de seus aspectos, o da superfície lingüística. (...) assumindo, tanto os momentos considerados como de fluência quanto aqueles considerados como de disfluência corresponderiam, então, a diferentes modos de negociação do sujeito com os outros que o constituem, em diferentes graus de complexidade (p.62).

Assim, no campo dos estudos lingüísticos, os termos “fluente/disfluente” são fenômenos constitutivos da fala, não sendo considerados como marcadores de uma disfunção verbal, ou seja, pouco domínio da linguagem. Assim, chegamos à conclusão a que se chega Scarpa (1995:176), de que “o termo fluência é uma abstração metodológica, baseada na língua ensaiada ou profissional de textos escritos ou de textos orais decorados e ensaiados”. Dessa forma, não se pode falar de fluência ou disfluência sem primeiramente levar em conta os processos constitutivos da dinâmica conversacional. A caracterização das afasias nestes termos, partindo da noção de caracterização do funcionamento da linguagem, não é necessariamente explicativa em relação aos fenômenos afásicos.

1.6. A repetição como um problema teórico

A repetição na linguagem de afásicos integra um item pouco estudado no quadro semiológico das afasias. É um fenômeno que tem recebido pouca atenção de estudiosos da área de Neurolingüística, apesar de ser recorrente em praticamente todos os quadros afásicos.

Contudo, uma face que salienta os aspectos patológicos do fenômeno da repetição tem sido privilegiada pelos estudos neurolingüísticos. Ainda que a repetição seja associada a diferentes fenômenos, tais como a perseveração, a parafasia, a iteração, a estereotipia, o circunlóquio, o automatismo etc (cf. RONDAL & SERON, 1999: 663 - 667), o estatuto da repetição nas afasias encontra-se ainda não inteiramente definido. Provavelmente, isso se deve, em parte, ao tipo de análise do fenômeno pela Lingüística. Atenta-se para o fato de que, apenas em meados de 1970, o estudo lingüístico das repetições mereceu análises mais detalhadas, que se intensificaram a partir das observações dos mecanismos “normais” da linguagem oral.

Este estudo parte da idéia de que o conhecimento mais circunstanciado da natureza lingüístico-discursiva da repetição permite vislumbrar a relação entre aspectos normais e patológicos do fenômeno nas afasias, a fim de fornecer elementos para o enfrentamento crítico de estereótipos vigentes, segundo os quais a repetição, seja no campo da normalidade, seja no contexto da patologia, é uma excrescência em relação aos processos de linguagem.

1.7. O Centro de Convivência de Afásicos (CCA): espaço de interação entre sujeitos afásicos e não afásicos

Considerando que os dados desta pesquisa serão extraídos de um *corpus* constituído de encontros registrados áudio-visualmente do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), a seguir será apresentada uma descrição dos aspectos teóricos e

metodológicos desse Centro, bem como a caracterização de sua dinâmica de funcionamento.

O trabalho de interação que acontece entre os sujeitos afásicos e não afásicos aludido acima é realizado no (CCA). Este Centro foi criado em um esforço conjunto dos Departamentos de Lingüística e de Neurologia da Unicamp, ao final da década de 1980, com o intuito de proporcionar um maior entendimento das afasias, abrindo, assim, possibilidades de estudos neurolingüísticos em um contexto de práticas efetivas com a linguagem, além de vislumbrar um espaço de reflexão em torno dos conflitos psicosociais sobre as afasias. Esses aspectos resultam em uma interação dinâmica entre os integrantes do CCA, objetivando a emergência dos atos de linguagem e as práticas discursivas que visam à significação e à comunicação (MORATO, 2002, p.52).

As diferentes atividades desenvolvidas neste Centro exploram lingüístico-cognitivamente práticas distintas realizadas cotidianamente pelos sujeitos afásicos, como a conversação e a discussão em grupo sobre temas diversos, tendo como base a troca de experiências e conhecimentos; a participação conjunta em eventos cotidianos e sociais. Tais práticas, diferenciadas, inter-semióticas, colaborativas, convocam e exibem dos sujeitos, afásicos e não afásicos diferentes processos de significação (lingüísticos, pragmáticos, argumentativos, textuais, discursivos, semióticos), em jogo nas inúmeras ações humanas. Nessa dinâmica, os sujeitos afásicos, em conjunto com seus interlocutores não afásicos, mobilizam, para a constituição do sentido, diversos recursos: enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais), cognitivos (mnêmicos, perceptivos, inferenciais) para se posicionar em relação ao mundo, aos outros, a si mesmos, variar de perspectivas e proceder a ajustes intersubjetivos (MORATO, et al., 2002).

De acordo com Mira (2007:9), as práticas interativas desenvolvidas no CCA constituem um *locus* interessante para análise da relação entre linguagem, cognição e vida social:

(...) é um espaço de interação entre afásicos e não afásicos que procura, metodologicamente, evocar em encontros semanais, rotinas significativas de vida em sociedade, o que envolve variados processos de significação (verbais e não verbais) e diversas práticas de linguagem, que mobilizam recursos pragmáticos, textuais e discursivos.

Em termos de estruturação, o CCA é um grupo organizado de tal forma que pode ser entendido como uma “comunidade de práticas⁴”. Sua dinâmica interativa apresenta propriedades de engajamento mútuo (que diz respeito a uma interação regular, cotidiana); de empreendimento conjunto (que diz respeito não a um objetivo compartilhado *a priori*, mas a um empreendimento negociado que envolve complexas relações de mútuos ajustes e acordos) e do repertório compartilhado de recursos conjuntos para a negociação do sentido social (WENGER, 1998). O CCA, sendo um grupo organizado, centrado principalmente nas práticas coletivas que nele se desenvolvem, acaba sendo um *locus* revelador e instigador dos fenômenos cognitivos e sociais envolvidos na linguagem (cf. MORATO et al, 2005).

1.8. Sistema de notação utilizado para transcrição do Corpus

Quanto aos sinais utilizados para transcrição dos dados, segue-se a notação (anexo I) que foi utilizada para transcrever os dados do CCA nos anos de 2003 e 2004, no âmbito do Grupo de Pesquisa “Interação, Cognição e Significação”, coordenado pela professora Edwiges Maria Morato. A seguir, serão apresentadas algumas questões centrais para leitura dos dados. O quadro com o sistema de notação encontra-se em anexo, este foi baseado em Sacks et al. (1974) e Mondada (1994).

- A identificação dos participantes do CCA é feita a partir das iniciais dos nomes e dos sobrenomes.
- As passagens dos extratos que nos interessam, bem como as iniciais dos sujeitos, serão deixadas em negrito, para efeito de análise.

⁴ Communities of practice are everywhere. We all belong to a number of them—at work, at school, at home, in our hobbies. Some have a name, some don't. We are core members of some and we belong to others more peripherally. You may be a member of a band, or you may just come to rehearsals to hang around with the group. You may lead a group of consultants who specialize in telecommunication strategies, or you may just stay in touch to keep informed about developments in the field. Or you may have just joined a community and are still trying to find your place in it. Whatever form our participation takes, most of us are familiar with the experience of belonging to a community of practice (WENGER, 1988, P. 2).

CAPÍTULO 2

Fundamentação teórica

Neste capítulo, focalizam-se os aspectos teóricos deste trabalho sobre a repetição. Salientamos que é um estudo direcionado à fala em interação, privilegiando a conversação entre interlocutores afásicos e não afásicos. Assim, procuramos descrever as funções da repetição na linguagem de afásicos a partir de uma abordagem de cunho lingüístico-interacional para a qual concorrem os trabalhos de Marcuschi (1992), Koch (2001, 2005, 2006), Tannen (1989), Johnstone (1987), dentre outros, que, de forma direta ou indireta, nos direcionaram para uma melhor compreensão das formas e funções da repetição.

2.1. Algumas abordagens da repetição na oralidade e na escrita

No campo da Lingüística, a repetição pode ser definida como “produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (MARCUSCHI, 1992:31). Esta definição, de acordo com o autor, é para a conversação, mas não fica excluída sua validade para outras formas de análise lingüística da linguagem oral e/ou escrita.

No campo afasiológico, o termo repetição é também tomado por Helm-Estabrooks (1999) como perseveração. Este termo foi introduzido no final do século passado por Neisser (1895), que o define como uma repetição interativa ou a continuação de uma resposta anterior após a mudança do turno. A repetição, presente nas afasias de diferentes etiologias e características neurolingüísticas, está associada à dificuldade de encontrar palavras, ao problema de acesso ou de processamento lexical, a alterações sintáticas, aos problemas de ordem mnésica ou fono-articulatória. Dessa forma, tem-se integrado à constelação semiológica das afasias motoras (Afasia de Broca) e das afasias sensoriais (Afasia de Wenicke).

No fluxo corrente da fala, é normal não nos darmos conta da quantidade de repetições que realizamos, tanto em relação ao falante, quanto ao ouvinte, de modo que a compreensão do texto oral espontâneo se dá por estratégia natural de eliminações ou idealizações empreendidas pelo ouvinte. Segundo Marcuschi (1992), todos nós temos uma noção intuitiva do que seja uma repetição e, em muitos casos, sabemos identificar suas ocorrências, embora sem distinguir claramente tipos e funções. Como essa noção não é sistemática, neste estudo procura-se conceituá-la seguindo a metodologia adotada pelo referido autor, utilizando, para isso, alguns parâmetros básicos como critérios de identificação e classificação desse fenômeno na linguagem oral.

Wackernagel-Jolles (1971:241) considera que a repetição é em primeira linha uma prova de naturalidade do texto oral. As repetições e outros fenômenos como as hesitações e outros cortes que podem ocorrer durante a escrita vão sendo regularmente aparados nas sucessivas revisões a que o texto vai sendo submetido no ato da formulação.

A relação entre repetição e oralidade tem sido enfatizada na literatura neurolingüística como sendo um fenômeno associado a diferentes processos da linguagem oral. Contudo, como já dito, o estatuto lingüístico da repetição nas afasias encontra-se ainda não inteiramente definido, requerendo a busca de melhores contornos explicativos. A relação entre repetição e contextos lingüístico-interacionais e sócio-cognitivos de produção de fala, certamente, é uma das questões a serem ainda esclarecidas.

Os estudos da língua falada reúnem hoje contribuições de várias correntes teóricas, buscando-se uma forma de conceber e explicar o texto conversacional e examinar primordialmente a interação entre sujeitos.

Na perspectiva lingüístico-interacional, a repetição presente nas interações em língua falada é parte importante do próprio texto que se está elaborando (cf. Marcuschi, 1992:26). Trata-se, pois, de processamento e produção realizados no tempo real. Esse caráter da conversação torna os interlocutores mais expostos ao uso de repetições, de parafraseamentos, de correções, ou seja, de recursos lingüístico-pragmáticos que

visam à reformulação textual, lingüístico-interacional. Na fluência da fala, não nos damos conta da repetição lingüística, de morfemas, orações *etc.* No nível lingüístico-discursivo, no entanto, contar o mesmo fato várias vezes num mesmo momento ou repetir a mesma história são comportamentos que chamam a atenção (cf. MARCUSCHI, op. cit, p.27).

Como fenômeno lingüístico-discursivo, a repetição é uma das estratégias para facilitar a compreensão ou “intercompreensão dos sujeitos” (BARROS, 1995:137). É a isso que se refere Marcuschi (1992:26) ao dizer que é “natural que o falante se repita com certa freqüência, e repita o outro”, mostrando que há uma reciprocidade ou uma co-construção na interação.

A repetição na fala, de acordo com Marcuschi, constitui uma formulação típica de um planejamento lingüístico *ad hoc*. Na escrita, há a possibilidade de revisão e editoração com apagamentos sucessivos, o que não é impossível na fala, fazendo com que a repetição passa a fazer parte do próprio processo de edição do texto falado.

Ong (1982), ao caracterizar os traços da linguagem oral, distingue dois modelos de processamento: os modelos mnemônicos, que integram repetição, ritmo, antítese, aliteração, assonâncias *etc.*, e os modelos formulaicos, que integram fórmulas consagradas, adágios, provérbios, ordenação temática *etc.* Observa-se que, ambos os modelos, têm a ver com estratégias de repetição.

Tannen (1989:17), em seu estudo sobre repetição, chega a uma conclusão importante ao distinguir dois grupos de estratégias de envolvimento com base na repetição: estratégias baseadas no som e estratégias baseadas no significado. Isso torna a repetição central na oralidade, identificando-se com uma natureza formulaica. Por outro lado, a repetição constituiria o fio condutor da interação ao propiciar o envolvimento dos falantes em seus “negócios interacionais”. Sendo a oralidade sua principal característica, a repetição está vinculada a interações que estão vinculadas a práticas interacionais.

Segundo Tannen (1987), ao se ouvir as pessoas falando, tem-se a impressão de que os enunciados ditos naquele momento ecoam enunciados anteriores. Isto levou a autora a postular a pré-padronização como um dos pilares da produção lingüística na

oralidade, fazendo com que a repetição seja um recurso bastante geral da composição textual e das estratégias comunicativas. Assim, para esta autora, mesmo que existam diferenças quanto à sua avaliação e ao uso, em termos culturais, pode-se dizer que a repetição não é sinônimo de prolixidade, de verborragia, de mecanicidade ou de falta de criatividade.

Em seus estudos mais completos sobre repetição, Tannen (1987, 1989) considera-a como uma das mais importantes fontes para a tese de que a língua falada realiza-se em alto grau baseada na pré-padronização. Assim, muito do que se diz não passaria de uma repetição de estruturas pré-fabricadas. Para a autora, entre estas estruturas estão emblematicamente o idiomatismo e os provérbios.

De acordo com Marcuschi (1992), a Retórica soube discernir uma grande quantidade de formas de repetição, definindo-as em suas estruturas e realizações típicas, tais como aliteração, polifonia, paralelismo, anáfora e muitas outras, geralmente vistas em contextos literários e eruditamente classificadas como figuras de linguagem. Porém, o mais notável é que todos esses tipos realizam-se com a mesma estrutura e recursos similares na fala espontânea utilizada no dia-a-dia. Assim, pode-se dizer que as repetições operam no nível discursivo e também exercem pressões sobre a organização sintática, afetando de algum modo a forma das sentenças e a própria ordem dos seus constituintes, fazendo com que a repetição opere não apenas em domínios de uma sentença, mas também de formas supra-sentenciais.

Para Marcuschi (1992), é difícil identificar com clareza o que é ou não é uma repetição, em virtude de suas variadas formas de realização. Em relação a esta posição, Tannen (1989) chega a dizer que, quando não temos uma repetição idêntica, estamos relegados a uma boa dose de subjetividade para identificá-la.

Segundo Marcuschi (1992), como o texto conversacional vai sendo compreendido na medida em que é produzido, a repetição serve de suporte natural para o processo de compreensão e da própria estruturação da interação verbal. Tanto assinala ou indica como o falante se compreende a si mesmo, quanto indica como pretende que o ouvinte o compreenda, revelando, pois, uma socialização cognitiva ou uma cognição social. Para o autor, longe de ser mecanicista e “ecóica”, a repetição diz

respeito a ações reflexivas por parte dos sujeitos, seja para monitorar ou operar momentos sobre sua fala, seja para trazer em relação à fala do outro.

Johnstone (1987) classifica os trabalhos existentes sobre o tema em categorias. Considerando os focos de interesse envolvidos, toma-se a repetição como mecanismos de:

- Efeito semântico: as listagens, as reduplicações e os paralelismos.
- Aquisição e ensino da língua: paradigmas, métodos mnemônicos e processos de substituição.
- Processo de padronização sintática: a gramática emerge no processo discursivo;
- Coesão do discurso: a repetição como um mecanismo da aquisição da linguagem infantil.
- Promover a interação: repetição como um mecanismo central na produção e na compreensão do texto oral.

Para Johnstone (1987), identificar suas funções é tão complexo quanto classificá-las, pois as funções da repetição são sempre de: reforço, ênfase, coesão, coerência, dentre outras, mas, para classificá-las, tem-se de levar em conta o contexto em que a repetição está inserida, pois sua função pode mudar dependendo do contexto.

Na escrita, como bem lembra Lagrotta (2001:21), é possível reelaborar o que se diz antes de apresentar o texto final a ser lido e compreendido pelo interlocutor. Quando se fala, isso não pode acontecer; parte da atividade de criação conjunta do texto falado é destinada à reformulação textual comum a todos os falantes - crianças, jovens, adultos, idosos portadores de alguma deficiência – com o intuito de efetivar a compreensão, de promover o reconhecimento da interação do falante e de estabelecer da melhor forma a interação comunicativa.

2.2. Uma abordagem interacionista no campo da Lingüística

No campo da Lingüística, a repetição tem sido amplamente explicada a partir de contextos textual-interativos a ela vinculados. Para Marcuschi (1992), a repetição é, sem sombra de dúvidas, um dos mecanismos mais presentes na produção, condução e compreensão do texto em forma de diálogo. Ela é tão importante para a compreensão, que, caso ocorra a sua eliminação, em muitos casos, pode acarretar textos incompreensíveis, dificultando a interação entre os interlocutores. No campo da Neurolingüística, como já afirmamos, o estatuto da repetição está associado a diferentes fenômenos, tais como a perseveração, a parafasia, a iteração, a estereotipia, o circunlóquio, o automatismo *etc.*

Como este trabalho se desenvolve com base na interação entre sujeitos afásicos e não afásicos, parte-se do postulado de Bakhtin (1929) de que a interação verbal pode ser considerada uma realidade fundamental da linguagem. Assim, para melhor apreendermos o caráter interacional da repetição, procedemos à consideração de uma breve reflexão de alguns autores que escreveram sobre o interacionismo, como também de uma abordagem crítica da noção de interação tomada como simplesmente uma categoria pré-teórica. Pode-se entender por interação a relação entre dois ou mais interlocutores, que estabelecem uma relação de cooperação e compartilhamento em termos de conversação. Segundo Morato:

O interacionismo tem sido capaz de marcar a disposição de tomar a interação como uma das categorias de análise dos fatos da linguagem, e não sendo apenas o *locus* da linguagem como espetáculo. É esta qualidade (ou esta circunstância...) o que tomaria justificável sua inserção entre os movimentos teóricos que fazem a ciência da linguagem avançar (MORATO, 2004 p.315).

Essa ponderação, de acordo com Morato (2004), indica que a interação e tudo o que é afeito a ela produz sentido, e o sentido é a produção da interação, fazendo com que a participação do outro seja necessária para construirmos o sentido daquilo que estamos dizendo.

De acordo com Morato (2004), muitas inadequações podem ser produzidas sob o termo “interacionismo”; existem muitos trabalhos sobre este tema que são muito distintos entre si. Por isso, o que chamamos de interacionismo parece ser de fato um mosaico de inteligibilidades e métodos. Para a autora, nem sempre o emprego do termo interação é suficiente para qualificar uma reflexão como interacionista. Quanto a este ponto, chama a atenção para o fato de que certas questões devem ser destacadas; entre elas, certamente, está a delimitação do conceito de interação. Em palavras da autora:

No enfrentamento de seu caráter polissêmico, o termo interação requer que pensemos de alguma forma em um de seus traços definidores mais expressivos, ligado à idéia de influência recíproca; em segundo lugar, ele nos convida a pensar em algo compartilhado de forma reflexiva (isto é ação). Porém, como bem nota Vion em seu livro “La communication verbale – Analyse des interactions” (1992), essa definição não marca nenhuma diferença entre forças conversacionais, transações financeiras, jogos amorosos ou lutas de boxe. De todo modo, ela é capaz de indicar que toda empreitada ou ação do sujeito no mundo se inscreve num quadro social, submete-se às regras de gestão histórico-cultural, não é nunca ideologicamente neutra (MORATO, 2004, p.315-316).

Para Brait (1997), a interação é um componente do processo comunicativo, significativo e de construção do sentido, que faz parte de todo ato da linguagem e pode ser considerada um fenômeno sociocultural com características lingüístico-discursivas. Isto significa que a abordagem interacional de um texto falado ou escrito nos permite verificar como o evento conversacional está organizado.

Um outro autor que se debruça sobre o estudo da interação é Berlo (1991). Ele postula que existe uma relação de interdependência na interação, onde cada agente depende do outro, isto é, cada qual influencia o outro com quem interage. O autor alerta, porém, para a limitação do entendimento da interação apenas como ação e reação. Segundo Berlo (1991:117), as pessoas não funcionam da mesma forma que os “termostatos e aquecedores”. Adotando o paradigma ação-reação, o autor explica que por ele passa-se à visualização do processo de uma forma linear e do ponto de vista da fonte, em que existem apenas a emissão e o *feedback*, sendo que o último teria apenas a função de comprovar a “eficácia” da mensagem. Conforme pondera o autor:

A segunda falha do uso do conceito de ação-reação diz respeito à nossa permanente referência à comunicação como um processo. Os termos 'ação' e 'reação' rejeitam o conceito de processo. Implicam que há um começo na comunicação (o ato), um segundo acontecimento (reação), acontecimentos subseqüentes, etc., implicam a interdependência dos acontecimentos dentro da seqüência, mas não implicam o tipo de interdependência dinâmica que se compreende no processo da comunicação (BERLO, op. cit., p.117).

Uma obra também dedicada ao estudo da interação é "Pragmática da Comunicação Humana", de Watzlawick, Beavin e Jackson (1967). Este estudo, de cunho pragmático, investigou a relação entre sujeitos em interação, mediados pela comunicação e seus efeitos e propósitos. A pragmática da comunicação, segundo estes autores, valoriza a relação interdependente do indivíduo com seu meio e com seus pares, onde cada comportamento individual é afetado pelo comportamento dos outros.

Para esses autores, a interação é uma série complexa de "mensagens" trocadas entre as pessoas. Porém, o entendimento de comunicação, segundo eles, vai além das trocas verbais. Para essa corrente teórica, todo comportamento é comunicação:

uma vez aceito todo o comportamento como comunicação, não estaremos lidando como uma unidade de mensagem monofônica mas com um complexo fluido e multifacetado de numerosos modos de comportamento — verbais, tonais, posturais, contextuais, etc. — que, em seu conjunto, condicionam o significado de todos os outros. Os vários elementos desse complexo (considerado como um todo) são capazes de permutas muito variadas e de grande complexidade, que vão desde o congruente ao incongruente e paradoxal (WATZLAWICK, BEAVIN & JACKSON, 1967, p. 46).

Watzlawick, Beavin & Jackson (1967) postulam que não se pode não comunicar. Toda a comunicação envolveria um compromisso e, assim, definiria a relação entre os comunicadores. Logo, além de transmitir informação, a comunicação implica um comportamento. Isso nos leva a outro de seus postulados, a saber, que toda comunicação tem aspecto de conteúdo e de comunicação.

Para Silva (2001, p.128), as conversas naturais não apresentam uma simples seqüência de intervenções de interlocutores. "Há uma complexidade maior, pois os interlocutores utilizam diversos recursos para estruturarem o diálogo e manterem a harmonia do fluxo informacional. Isso implica dizer que há regras que regulamentam a conversação".

Goffman (1970) afirma que, quando se tem uma interação verbal, há sempre um sistema de regras de comportamento que funcionam como um canal para organizar o fluxo das mensagens. Na conversação diádica, os interlocutores alternam os papéis de falante/ouvinte em uma série de funções, criando o que Preti & Urbano (1990) chamam de “dinâmica inter-relacionada”.

2.3. Perspectivas lingüístico-textuais da repetição: aspectos teóricos e metodológicos

Nos últimos anos, tem surgido uma gama de trabalhos sobre o português oral como parte do Projeto da Gramática do Português Falado⁵ que podem nos ajudar a esclarecer melhor o fenômeno da repetição como uma estratégia textual-discursiva da interação. Os trabalhos que referimos aqui, muitos deles, fazem parte deste projeto e foram essenciais para a constituição desta pesquisa.

Dentre os pesquisadores que em suas obras estudam a repetição figuram Marcuschi (1986, 1991, 1992, 1999 e 2002), Bessa Neto (1991), Koch (2001, 2005), Lagrotta (2001), Ramos (1983), Norrick (1987), Tannen (1989) e Johnstone (1987). No campo da Neurolingüística, além de outras biografias gerais e de nomes dedicados à descrição e desmistificação das afasias, figuram Mowrer et al. (2001), Lima (2004) e Viscardi (2005), que nos ajudaram a lançar luzes sobre o fenômeno da repetição.

Dentre os trabalhos sobre repetição com sujeitos não afásicos, pode-se destacar o trabalho de Ramos (1983), que desenvolveu uma pesquisa pioneira, buscando mostrar como o fenômeno da repetição se articula com a compreensão, sendo voltado para o ouvinte, seja no nível da sintaxe, seja no nível do discurso. Sua classificação funcional do fenômeno “visa a descrever de que maneira a repetição contribui para facilitar a tarefa do ouvinte de compreender enunciados” (RAMOS, op cit., p.47). A autora parte de uma análise das relações entre fala e escrita para identificar a repetição como traço característico do estilo falado. Ela conclui que “a presença da repetição não está relacionada a nenhuma língua especificamente, mas ao processo de interação

⁵ São obras cujo objetivo é a preparação de uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil.

lingüística, propriamente dito” (op cit., p.126). Isto significa que o papel central da repetição está vinculado à função comunicativa.

Assumindo a perspectiva do receptor da fala, Ramos (op. cit., p.47) vê a repetição como um dos recursos do falante para “neutralizar os efeitos de limitações de desempenho decorrentes de limitações de memória ou falhas de atenção”. A autora distribui as repetições em duas grandes classes (op cit., p. 58): as que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar enunciados e as que realizam outras funções.

O que se observa, contudo, é que esta tipologia de repetições e funções é muito restrita em relação às funções lingüístico-interativas do fenômeno, concentrando-se, sobretudo, apenas no nível da unidade sentencial. Não está imbricada com um construto teórico que envolva a conversação, mas com um modelo de teoria da comunicação inespecificado. A base de toda a tipologia é o pressuposto de que a repetição tem como função primordial facilitar a compreensão do ouvinte. Os tipos de repetições não são determinados em suas marcas, mas em suas posições estruturais na oração ou no conjunto de um tópico discursivo.

Em seu trabalho intitulado “A Função da Repetição no Reconhecimento de Sentenças”, Perini (1980) parte da constatação de que o texto falado e o texto escrito são diferentes e que esta diferença se distribui em três níveis: *(i)* no nível do veículo, onde os sons da fala se contrapõem à grafia escrita; *(ii)* no nível do dialeto, em que o dialeto coloquial se distingue do padrão da escrita; e *(iii)* no nível do estilo que resulta da própria diferença das condições de produção da fala que envolve o contexto situacional, as limitações da memória e a irreversibilidade da fala, todos em oposição à escrita.

No campo dos estudos textuais, uma autora que destacamos quanto ao estudo da repetição é Koch (1997, 2001). Em um de seus trabalhos, “A Repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil”, a autora afirma que “a repetição constitui, sem dúvida, umas das estratégias básicas de construção do discurso. (...), sua presença no texto pode não ser percebida, mas a sua ausência seria significativa” (p.119). O objetivo do seu trabalho é examinar as peculiaridades no português falado no Brasil, tanto no nível lexical e sintático, como no nível discursivo.

Para Koch (op cit.), a repetição, por ser caracterizada como um fenômeno de interação lingüística, pode apresentar, com relação ao português brasileiro, certas peculiaridades comuns a algumas línguas, mas não a sua maioria. A repetição, para esta autora, constitui uma das provas mais contundentes da iconicidade na linguagem, pois “o aumento da quantidade de formas aumenta a quantidade de sentidos, isto é, os sentidos são diagramaticamente icônicos”, (p. 127). A língua portuguesa, segundo Koch, explora em grau maior estes recursos, mostrando uma maior peculiaridade da repetição em relação a algumas outras línguas.

Koch (2005:123) defende a posição de que a repetição não deve ser tratada como uma forma negativa da linguagem oral: “ela constitui uma constante na conversação quotidiana, em qualquer palestra ou discussão, em aulas e exposições em geral, na interação com familiares ou colegas. Assim, podemos dizer que a repetição é uma estratégia básica de estruturação do discurso”.

Um outro autor que ressalta a repetição como uma estratégia da língua falada é Travaglia (1999:77). Segundo ele, a repetição tem inúmeros papéis e funções na constituição de um texto. Um deles é fazer relevo dando proeminência a determinados elementos do texto, como por exemplo: enfatizar, intensificar, contrastar. O autor chama de relevo o “fenômeno do falante, ao falar, formulando, construindo, constituindo seu texto”.

Uma outra proposta de análise das funções da repetição é a de Norrick (1987), que se fundamenta basicamente na estrutura da troca, ou seja, nas relações falante-ouvinte dentro do sistema de pares adjacentes. Para Norrick (1987), a repetição é “endêmica” na conversação e se manifesta tanto ao nível do turno (mesmo falante se repetindo), como ao nível de diversos turnos (os falantes repetindo uns aos outros). Norrick identifica motivação cognitivo/interacional para a presença da repetição nos encontros face a face. Para este autor a repetição atuaria na organização da coerência e com influência na compreensão do ouvinte, o que é um ponto de vista similar ao de Ramos (1983).

Tannen (1989:48), por sua vez, parte da classificação das funções da repetição com base nas noções de envolvimento e de pré-padronização lingüística que podem ser agrupadas em quatro categorias:

1. Produção - neste caso, a repetição serve ao falante para que se produza um maior volume de linguagem com mais facilidade e fluência. Com a repetição, a produção vai situando as informações novas em formas já preparadas, permitindo ao falante um tempo para pensar no que dirá em seguida, sem que perca o turno; quanto à produção, portanto, as funções servem, sobretudo, às intenções e propósitos comunicacionais dos interactantes;

2. Compreensão - ao permitir um discurso semanticamente pouco denso, a repetição facilita a compreensão do ouvinte. Assim, se o falante se beneficia do “espaço morto” criado com as repetições, o ouvinte se beneficia do mesmo espaço para a compreensão;

3. Conexão - neste caso, a repetição evidencia-se como mecanismo coesivo e é uma maneira de contribuir para o comentário. Com isso, a repetição une as partes do discurso, cria paralelismos e estruturas constantes ligadas;

4. Interação - aqui, a repetição contribui para a negociação na conversação. Serve ao trabalho tanto de tomada quanto de entrega de turno, dando demonstração de atenção e interações mútuas.

Baseando-se nestas quatro categorias, Tannen (1989:54) detecta as formas que as repetições podem assumir, distinguindo entre auto e hetero-repetição; repetição exata e com variação; imediata ou retardada (no tempo de produção).

Estas fronteiras formais são “difusas” para Tannen (op cit.), que não chega a fazer uma análise detalhada do fenômeno nem correlaciona formas com funções de modo sistemático.

Entre os que se dedicam aos estudos mais sistemáticos da repetição, que também merece ser destacada é Bessa Neto (1991). A autora dedica-se à análise da repetição lexical. Sua metodologia de trabalho e divisão das funções da repetição acham-se muito próximas do que se postula no trabalho realizado por Marcuschi (1992), o qual foi tomado como base principal, para este trabalho, ao lado dos trabalhos

de Koch. Segundo Bessa Neto, algumas funções são mais recorrentes do que outras, e certas funções são exercidas predominantemente por um tipo formal de repetição e não por outro.

Esta autora, além de propor uma metodologia geral para determinar todos os tipos de repetição, procurou trabalhar de forma detalhada as formas e as funções da repetição lexical. Seu trabalho foi realizado com textos narrativos, comparando o fenômeno da fala com o da escrita.

Lagrotta (2001), no campo dos estudos convencionais, desenvolveu sua dissertação de mestrado sobre a repetição na fala de idosos, verificando a frequência de uso e do tipo de repetições inseridos em diferentes contextos comunicativos e sociais, representados especificamente por três instituições: dois tipos de asilos para idosos e uma Universidade Aberta para a Terceira Idade. Seu propósito foi caracterizar o procedimento da repetição na fala de idosos, levando em conta sua produção nos diferentes contextos sociais mencionados.

Para esta autora, a observação das atitudes sociais com relação ao idoso e ao seu discurso, que, de modo geral, partem de uma imagem negativa – centrada na caracterização negativa da repetição do discurso do idoso – sugere algumas interrogações acerca do estatuto desse mecanismo, questões que, a nosso ver, podem contribuir para a caracterização do uso das formas e das funções da repetição nas afasias. As repetições incidem sobre o desempenho discursivo do idoso e sua recepção, e não apenas sobre o *conteúdo* do seu discurso, como quer o senso comum.

Assim, o conhecimento mais aprofundado do perfil do envelhecimento no tocante à linguagem e à interação, de acordo com Lagrotta (2001, p. 202), pode levar as pessoas a lidar melhor com os preconceitos associados à fala do idoso, como o que veicula a idéia de que a repetição é um indício de algum tipo de senilidade. A autora conclui que a repetição “revela ser em todas as conversações um elemento constitutivo da estrutura do texto falado, voltado para promover a compreensão interativa do objeto da conversação”. Lagrotta (2001) afirma, ainda:

não ter nenhum fundamento a imagem estereotipada do idoso como alguém que repete “a mesma história”, como um falante enfadonho cuja conversação não flui.

Vimos que o idoso usa a repetição tal como as usam os outros falantes, com o fim de tornar compreensível para o outro aquilo que diz, e não para insistir num mesmo relato (2001, p.202).

Preti (1991:47), em seu conhecido estudo sobre o tema, afirma que o idoso utiliza mais a repetição do que a paráfrase, especialmente aqueles mais velhos, pois o “seu poder de criatividade é muito menor do que o falante normal, consideradas as mesmas faixas culturais”. Tal afirmação, contudo, pode ser questionada por vários outros estudos sobre a linguagem de idosos.

2. 4. A correção como uma estratégia textual-interativa da repetição

Como a correção é uma das marcas que desempenham um papel importante entre os processos de construção do texto, achamos relevante inseri-la no contexto das funções da repetição.

Destacamos aqui a dissertação de mestrado desenvolvida por Mansur (1990): “As correções no discurso de idosos”. Esta autora propôs-se a um estudo baseado no modelo conversacional, em situações de entrevista e em conversas espontâneas, em que foram analisados aspectos quantitativos e qualitativos das correções em indivíduos idosos. Sua pesquisa resultou na constatação de que a entrevista aumenta significativamente as correções, acentuando a preferência pelas auto-correções em relação às hetero-correções. A autora também descreveu os aspectos qualitativos que aproximam a fala dos idosos aos processos utilizados pelos adultos não idosos, considerando que a diversidade de análise pode interferir em um modelo de análise, particularmente as interpretações que se aproximam da normalidade ou da patologia.

Fávero et al. (1999:57), em seu trabalho intitulado “A correção no texto falado: tipos, funções e marcas”, investigaram a correção como um dos processos de formulação do texto falado. De acordo com as autoras, a correção desempenha um papel importante entre os processos de construção do texto. Para elas, “corrigir é reproduzir um enunciado lingüístico que reformula um anterior”. Fávero et al. (1999)

ressaltam, ainda, que as correções apresentam uma função geral de caráter “interacional” de cooperação, intercompreensão e de envolvimento entre os interlocutores.

Assim, dentro do contexto textual interativo, é possível ressaltar que a função de correção, como uma estratégia de repetição, corresponde a um processo altamente interativo e colaborativo.

2.5. A repetição no campo das afasias

No campo da Neurolingüística, dentre os autores que focalizam a repetição na fala de sujeitos afásicos, destacamos Viscardi (2005), que, em sua dissertação de mestrado, analisou especificamente o fenômeno do automatismo. Como o próprio termo sugere, o automatismo é tradicionalmente caracterizado como produção automática, isto é, que ocorreria independentemente da intenção do sujeito, sendo, portanto, considerado involuntário, desprovido de sentido.

De acordo com Viscardi (2005:23), considerar a linguagem sob o plano das afasias é colocar diversas reflexões desenvolvidas no âmbito da teoria lingüística. Segundo a autora, isto se justifica porque os “desvios” presentes na fala dos sujeitos afásicos revelam aspectos da língua que podem, muitas vezes, ser considerados à margem da teorização lingüística. De acordo com Viscardi (2005):

O automatismo é definido, em linhas gerais, como a emissão repetitiva do mesmo segmento lingüístico – sendo este uma sílaba, uma palavra ou uma sentença – podendo constituir a única emissão verbal produzida pelo sujeito. Sua ocorrência é tida como não contextualizada, de caráter automático e constante na fala (p.26).

Lima (2004) também desenvolveu um trabalho muito interessante no campo da Neurolingüística, “O estatuto neurolingüístico da perseveração nas afasias”. O termo perseveração foi originalmente aplicado nas descrições de casos de psicose encontradas em Psiquiatria. Neisser (*apud Lima, 2004*) caracterizou a perseveração como diferentes formas de comportamento. O objetivo de Lima (op cit.), em seu estudo

sobre perseveração, foi analisar este fenômeno considerando, primeiramente, a linguagem como uma atividade constitutiva na qual a emergência de categorias lingüísticas não é *a priori* determinada.

Lima (2004) faz em seu trabalho um relato sobre as repetições patológicas relacionadas à perseveração. Para esta autora, na semiologia neurolingüística, há repetições patológicas que se diferenciam da perseveração. Para Lebrun (1983), há contaminação quando o paciente, por exemplo, ao nomear um “pente”, fala “profissão” porque acaba de ouvir o termo no rádio. Lima relata que esta contaminação pode ser situacional, quando o paciente emprega uma palavra no lugar de outra porque acaba de ouvi-la.

De acordo com Lima (2004), outro fenômeno lingüístico que devemos separar da perseveração é a estereotipia, definida por Lebrun (1983) como fixação de uma fórmula invariável de atitudes, gestos, atos ou expressões verbais prolongadas e repetidas incessantemente. No caso das estereotipias verbais, observa-se a repetição da mesma palavra, ou da mesma parte da frase pela palavra falada ou pela escrita.

Também pode-se encontrar, em Lebrun (1983) um outro fenômeno que se aproxima da perseveração, a palilalia, isto é, quando se repete seguidas vezes uma parte da frase ou de uma frase curta, com intensidade decrescente; e quando as últimas repetições são somente murmuradas, podemos chamá-las de palilalia áfona.

Segundo este autor, na ecolalia, o paciente repete uma questão ou uma ordem que lhe é proposta em lugar de respondê-la. A ecolalia pode ser “pura”, quando o sujeito repete inteiramente a frase do interlocutor. A resposta em eco, embora se aproxime da ecolalia, é uma verdadeira resposta, na qual aparecem as mesmas palavras em questão.

Dentre os trabalhos no campo dos estudos patológicos sobre repetição, podemos também destacar o de Mowrer et al. (2001, p.23), “Sudden onset of excessive repetitions in the speech of a patient with multiple sclerosis: A case report”. Nesse artigo, os autores analisam a fala de pacientes portadores de Esclerose Múltipla, mais especificamente, das repetições tidas como excessivas na fala desses sujeitos. Esse

trabalho tem como foco uma análise da natureza, do local e do tipo de repetição que ocorre nas alterações da fala dos sujeitos analisados.

Para esses autores, uma das vantagens de se estudar os casos com gravações periódicas, em vários ambientes de fala, é que a informação coletada permite identificar importantes diferenças entre repetições de partes e de toda a palavra. Essas repetições de palavras, segundo os autores, acabam sendo efetivamente compensatórias para o comportamento lingüístico dos sujeitos, permitindo o planejamento do tempo necessário para articular estruturas silábicas complexas. Esta repetição transitória não foi, na opinião dos autores, diretamente relacionada com a linguagem e distúrbios prosódicos, que persistiram durante o processo de recuperação⁶.

Leiwo & Klippi (2000) desenvolveram um estudo sobre a repetição lexical como uma estratégia comunicativa em dois sujeitos com afasia de Broca. Este estudo examinou as auto e as hetero-repetições entre estes dois sujeitos em situação interativa. O que elas comprovaram foi que o uso da repetição lexical como estratégia comunicativa foi significativamente diferente entre os sujeitos, demonstrando que existem diferenças entre os sujeitos com o mesmo tipo de afasia. Elas apostaram na idéia de que a comunicação e a patologia formam um contínuo e que um estudo como o delas pode contribuir com as terapias da fala.

2.6. Relação dos tipos de repetição quanto à forma e à função

Para efeitos de identificação, classificação e análise da repetição, este estudo segue a proposta de Marcuschi (1992), na qual o autor propõe o uso de aspectos formais, textuais e discursivos, em relação à repetição. Os quadros a seguir serão

⁶ “ One of the advantages of a case study that includes detailed medical reports, periodic voice recordings in various speaking environments over time, clinical notes from therapy sessions, and a 3-year follow-up period is that it allows the use of hindsight when evaluating the data. The information collected from audio recordings enabled us to identify important differences between the occurrence part- and whole-word repetitions and to conclude after many analyses and much discussion that S.S.'s syllable and word repetitions were effective compensatory behaviors that allowed planning time required to articulate complex syllable structures. These transient repetitions were, in our opinion, not directly related to his language and prosodic disturbances that persisted throughout the recovery process. We encourage researchers to use similar detailed analyses to aid in explaining the nature and use of disfluent behaviors” (MOWRER et al, op cit.: 23).

organizados seguindo os aspectos utilizados pelo autor, inspiração de nosso próprio trabalho.

Em relação ao aspecto da *produção*, Marcuschi (1992) indica dois processos relacionados à repetição, considerando a relação entre os falantes. São elas: a auto-repetição (a matriz e a repetição são produzidas pelo mesmo falante), e a hetero-repetição (a matriz e a repetição são produzidas por falantes diferentes). Os falantes em situação de conversa estão submetidos a uma situação de troca de turnos, permitindo que a repetição seja produzida no mesmo turno (intra-turno) ou em turnos diferentes (inter-turno). Para o autor, as marcas de produção funcionam na organização interacional e são essenciais para a formação do texto dialógico. De acordo com Hilgert:

se, num *continuum* tipológico dos gêneros textuais, focalizar-se especificamente o texto conversacional, esse caráter dialogal se explicita na construção participativa do texto, por meio da alternância de turno em situação face a face e até na colaboração mútua explícita dos interlocutores na construção de um único turno (2002, p.121-122).

As formas da repetição constituem-se de uma *auto-repetição intra-turno e inter-turno*, que são as que se enquadram em situações interativas nas quais o interactante repete a sua própria produção no mesmo turno ou em turno diferente para que haja uma interação na construção do texto dialógico. Para Hilgert (2002: 91), em geral, cada falante, no decorrer da sua produção, busca saídas para seus problemas de formulação, ou seja, a busca começa com a retomada daquilo que foi dito antes em forma de repetição para a formulação de toda interação conversacional.

Para Marcuschi (1992), em relação ao *segmento*, há controvérsias sobre a sua divisão. As marcas segmentais consideradas em sua tipologia foram o fonema, o morfema, o lexema, o sintagma e a oração. Em nosso trabalho, abrange-se as marcas relacionadas à morfologia, ao léxico, ao sintagma e à oração. Para Marcuschi (1992:51), este aspecto “é um dos mais importantes porque determina a base geral da tipologia”, isto porque o segmento repetido tem como marcas as unidades estruturais da língua.

No que tange ao *aspecto de distribuição*, estamos seguindo as terminologias de Bessa Neto (1991) e Marcuschi (1992), para quem as repetições estão distribuídas no texto de acordo com a sua contigüidade, proximidade e distanciamento. Seguindo a terminologia destes autores, estamos também pressupondo os princípios organizacionais que postulam a linearidade lingüística e a seqüenciação tópica da estrutura informacional do texto.

O aspecto de *configuração*, para Marcuschi (1992), diz respeito à relação existente entre um segmento repetido e a sua matriz. Este tipo de repetição pode ser literal (repetição idêntica à matriz) ou com variação (com alterações de forma e conteúdo). Vejamos estas formas segmentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Aspectos formais da repetição

Aspecto	Marca	
Produção	Auto-repetição	turno Intra-turno Inter-turno
	Hetero-repetição	Inter-turno
Segmento	Morfológica Lexical Sintagmática Oracional	
Distribuição	Contígua Próxima Distante	
Configuração	Literal Com variação	

As funções textual-discursivas nesta pesquisa não serão consideradas separadamente; serão consideradas em sua globalidade, já que entrelaçam relações entre as suas diversas partes e entre cada uma delas com o todo, reconhecendo-se o papel da dimensão enunciativa e do contexto particular em que ocorre a repetição.

Marcuschi (1992), porém, trabalha as *funções textuais* de acordo com a terminologia de Tannen (1989), considerando que estão emolduradas na categoria de produção; com isto, estariam voltadas para as atividades do falante. As *funções discursivas*, por sua vez, vincular-se-iam mais especificamente à compreensão, aos objetivos argumentativos e aos fenômenos propriamente interativos. Neste trabalho, reúnem-se conceitualmente estas duas categorias, entendendo que a produção e a compreensão estão integradas em um mesmo contexto interativo.

Para Marcuschi (1992), tem-se na fala uma tendência a preservar a compreensão; muito da fala é gasto com mecanismos de atenção, tais como os marcadores conversacionais, a monitoração, os processos de negociação e as repetições. Tudo isso faz com que o texto falado seja como um sistema de progressão próprio e comandado pela relação entre os indivíduos em interação.

As funções discursivas, para Marcuschi (1992), constituem a segunda grande classe das funções de repetição; estas funções dizem respeito ao papel da repetição na facilitação da compreensão, na condução do tópico discursivo, na argumentação e na interação. Segundo o autor, em se tratando das funções discursivas, cada uma dessas marcas representa uma determinada função.

Quanto à questão do auxílio à *compreensão*, as repetições por *intensificação* são as que se enquadram nos quesitos de contigüidade/proximidade, da identidade referencial e da auto-repetição. As repetições por *reforço* buscam melhorar, reforçar o que foi dito; as repetições por *esclarecimento* servem como comentários e deixam mais explícito o que foi dito.

Dando ênfase à função de *coesão*, para Marcuschi (op cit.) esta é uma questão muito estudada na escrita e pouco estudada na fala. O autor adota um sistema diferenciado do de Koch (1989) que trabalha, sobretudo, com a escrita, dando ênfase à coesão seqüencial e à coesão referencial do texto.

A *coesão seqüencial* é um mecanismo que trata de uma relação textual em que o aspecto referencial é pressuposto, mas não é enfocado. Para Marcuschi, a coesão seqüencial “é uma progressão linear produzida numa relação direta com os materiais lingüísticos envolvidos na organização e condução informacional”, (op cit., 1992, p.117).

Em relação à *coesão referencial*, Marcuschi (1992) baseia-se na definição de referência postulada por Lyons (1977). A repetição referencial envolve o emprego de dois elementos que têm o mesmo referente, seja este um indivíduo ou um objeto; um fato ou um conteúdo proposicional. Para Marcuschi, a preservação da referência e a configuração da identidade/similaridade são fundamentais para que se tenha uma repetição com função de coesão referencial.

A função de *formulação* está relacionada às estratégias utilizadas pelo falante para dar suas contribuições. Para o autor, uma das maneiras de formular é reformular, como, por exemplo, nas correções, nas expansões e nas reconstruções. Esta função pode ser de:

Reconstrução de estruturas – trata-se de um aproveitamento de materiais lingüísticos prévios na construção de algo não necessariamente novo.

Correção – é um procedimento que na maioria das vezes acarreta uma repetição do mesmo segmento com alguma modificação. De acordo com Tannen (1986:622-625), o sentimento de familiaridade é um dos efeitos de conversações ricas em correção. Corrigir é fazer passar, entre outras, uma “meta-mensagem de envolvimento pessoal”. Para Marcuschi (1986), a correção funciona como um processo de edição conversacional que contribui para organizar a conversação localmente.

Expansão – freqüentemente, dá-se entre segmentos repetidos contiguamente duas ou mais vezes, até que o evento comunicativo seja concluído, sobretudo, como auto-repetição.

Hesitação – esta função se dá quando o sujeito repete seguidas vezes o mesmo evento comunicativo, o que de acordo com Marcuschi (1999:163) “são estratégias adotadas pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on line* de formas e conteúdos”. Isto quer dizer que a hesitação não é uma característica deste ou daquele falante, mas sim um fenômeno de processamento.

Parentização – trata-se de uma função exercida pela repetição que ocorre logo após o encerramento de um parêntese em que posteriormente o enunciado original é retomado.

Em se tratando da função de *argumentação*, considerando sua presença constante na fala, esta função tem afinidades com as outras, mas apresenta características próprias, manifestando-se de três maneiras: como reafirmação, contraste e contestação.

A *reafirmação* costuma ocorrer mais de uma vez nas interações em que ela aparece. É comum que um interactante se auto-repita várias vezes e só pare quando obtiver uma hetero-repetição por parte do interlocutor, confirmando seu argumento.

A função de repetição por *contraste* opera com a argumentação em favor de uma oposição entre assertivas calcadas na mesma estrutura. Uma das categorias da argumentação por contraste é a transformação de uma assertiva em uma indagativa e vive-versa.

A função de repetição por *contestação* serve para o interlocutor declarar sua discordância, contradizendo seu interlocutor e quase sempre acontece como uma hetero-repetição, embora não se excluam alguns casos com auto-repetição.

A função de *promoção por interação* diz respeito a repetições que servem tanto à produção quanto à compreensão, manifestando-se como monitoração de tomada de turno, ratificação do papel do ouvinte, criação de humor/ironia, incorporação e responsividade.

A *monitoração de tomada de turno* revela-se como uma reiteração de uma produção verbal durante a fala do interlocutor, com vistas à tomada de turno pelo interactante.

Em relação à *ratificação do papel do ouvinte*, o interlocutor ratifica o papel de ouvinte não somente com os marcadores conversacionais, mas produzindo sinais de compreensão nessa função de interação.

A repetição com a função de *incorporação* opera quando a matriz proposta por um interlocutor for aprovada e incorporada na fala do outro, caracterizando-se como a realização de uma hetero-repetição. A ausência da incorporação pode ser um indício de distanciamento entre os falantes ou de caracterização por formalidade.

A repetição *responsiva* é definida, em grande parte, a partir das reflexões de Norrick (1987), relatando pares adjacentes de pergunta/resposta, fundamentalmente norteadoras das hetero-repetições. Estas repetições costumam se dar em situação de interação em que há retomadas parciais ou totais de pergunta na resposta, ou seja, o falante pergunta, e o interlocutor responde.

Vejamos no quadro abaixo, a relação das funções textual-discursivas associadas à repetição:

Quadro 2 – Funções textuais e discursivas da repetição

Processos	Funções
Coesão	Seqüenciação
	Referenciação
Formulação	Reconstrução de estruturas
	Correção
	Expansão/hesitação
	Parentização
Compreensão	Intensificação
	Reforço
	Esclarecimento
Argumentação	Reafirmação
	Contraste
	Contestação
Interação	Monitoração da tomada de turno
	Ratificação do papel do ouvinte
	Incorporação
	Responsabilidade

CAPÍTULO 3

3.1. Descrição do corpus

Para um melhor entendimento das análises, será descrita abaixo a organização do *corpus* analisado nesta pesquisa. A constituição do *corpus* deste trabalho se deu a partir da observação do acervo de pesquisa mais ampla coordenada pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato junto ao Centro de Convivência de Afásicos, (CCA), sediado no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, (Unicamp). Tal acervo refere-se aos dados lingüístico-interacionais de encontros vídeo-gravados do Centro. Os dados referentes a práticas discursivas nas quais se engajam pessoas afásicas e não afásicas estão concentrados no decorrer do ano de 2004, totalizando 28 encontros, dos quais participaram os dois sujeitos afásicos (SI e NS) focalizados neste estudo. Também mostramos alguns exemplos com sujeitos não afásicos, mas estes nos serviram apenas como amostra qualitativa para efeito de exemplificação. Os dados, digitalizados, estão também transcritos e fazem parte do acervo do grupo de pesquisa “Interação, cognição e significação⁷”.

Tendo por base a caracterização lingüístico-interacional do fenômeno, esta pesquisa dedica-se, como afirmado anteriormente, ao estudo da repetição em contextos de linguagem ordinária; a análise, assim, incide em práticas lingüísticas de sujeitos afásicos em interação com outros sujeitos, afásicos e não afásicos, que freqüentam o Centro supracitado. Para efeitos de análise, foram consideradas longitudinalmente e qualitativamente repetições em contextos lingüístico-discursivos, ou seja, práticas lingüísticas ordinárias, focalizando dois sujeitos, SI e NS, um diagnosticado como tendo afasia sensorial e outro com afasia motora, respectivamente.

⁷ O objetivo geral do grupo de pesquisa, segundo Morato (2001), tem sido a descrição e a análise de práticas lingüístico-interacionais, multimodais, de sujeitos com alterações de linguagem (com afasia e com Doença de Alzheimer) em situações interativas variadas, nestas focalizando os recursos lingüísticos, pragmáticos e cognitivos que possibilitam uma melhor inserção ou participação dos sujeitos em atividades sociais cotidianas. Além da rediscussão da noção de competência e de metalinguagem a partir de um enfoque sócio-cognitivo e da organização de um banco de dados lingüístico-interacionais relativos ao contexto patológico e não-patológico, as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa têm focalizado especialmente as práticas discursivas do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), espaço de interação entre afásicos e não-afásicos localizado no IEL, Unicamp, (Fapesp/06/52516-7).

Na seção seguinte, será apresentada uma sucinta caracterização do quadro neurolingüístico destes sujeitos.

3.2. Histórico dos sujeitos analisados na pesquisa

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, dona de casa, nascida em 28/ 12/ 1959 no interior do Estado de São Paulo. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental e, atualmente, reside em uma cidade próxima a Campinas. Em 03/ 05/ 1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital das Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado nesse hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à esquerda. Nesse diagnóstico, houve dúvidas sobre a existência de Síndrome piramidal frontal à direita. NS apresenta também um déficit motor à direita. De acordo com o exame EEG, este sujeito possui um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural nessa região. Em termos neurolingüísticos, o quadro afásico de NS foi inicialmente caracterizado por dificuldades de acesso lexical, com expressão verbal do tipo telegráfica, suprimindo palavras funcionais, além de apresentar má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo. NS frequenta o CCA desde 2001.

SI é brasileira, nissei, natural da cidade de Presidente Venceslau (SP), casada e mãe de quatro filhos, nascida em 09/11/1940. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico, tendo concluído até a quarta série do Primeiro Grau. Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Por alguns anos, após o AVC, ajudou os filhos a cuidar de uma relojoaria, numa cidade próxima a Campinas.

Segundo SI, sua língua materna foi o japonês, mas, a partir dos seis anos, quando passou a frequentar a escola no sítio em que vivia com a família, o português

passou a ser a língua do seu cotidiano. SI relata que os pais falavam japonês, mas os irmãos (numerosos) falavam português. Com o marido, japonês, sempre falou português.

Em 1988, SI sofreu um AVC hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paralisia à direita, afasia de Wernicke e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia buco-facial e construcional, discalculias abundantes e paralexias (leitura assemântica). Antes do AVC, segundo SI, entendia o japonês oral e compreendia alguma coisa da escrita, mas, após o AVC, perdeu esta capacidade. SI frequenta o CCA desde 1990.

O exame neurológico inicial, realizado no Hospital de Clínicas da Unicamp, revelou um discreto déficit à direita, da motricidade voluntária de predomínio braquial, além de discreta identificação na motricidade fina à direita.

Em relação ao tônus muscular, nenhuma alteração foi identificada. Apresentava alteração de marcha com discreta paresia à direita. Os exames de sensibilidade (superficial-tátil, dolorosa, térmica) e profunda (postural, vibratória, à pressão, dolorosa à compreensão profunda), estereognosia e discriminação tátil não revelaram alterações significativas naquela ocasião. SI teve o diagnóstico de síndrome piramidal à direita, além de uma afasia secundária ao AVC. A tomografia computadorizada de crânio, realizada em 20/08/1992, mostrou hipodensidade comprometendo o lobo frontal, insula esquerda e tálamo esquerdo.

A avaliação fisioterapêutica, realizada em 29/06/1998, revelou um quadro de hemiparesia leve à direita, com alterações visíveis da sensibilidade profunda ou proprioceptiva (cinestesia e artrestesia), alterações na percepção visuo-cinestésica, além de alterações no esquema corporal e na integração entre os dois hemisférios. Devido a esses aspectos, SI apresenta dificuldades na realização dos movimentos, que dão a impressão de serem estereotipados.

3.3. Apresentação e discussão dos dados

A metodologia usada neste trabalho é baseada, principalmente, no estudo de Marcuschi (1992) sobre as formas e as funções da repetição. Como dito anteriormente, os sujeitos analisados nesta pesquisa são NS, do sexo feminino, que recebeu diagnóstico clínico de afasia de Broca; e SI, também do sexo feminino, diagnosticada como tendo afasia de Wernicke. A amostra utilizada que contempla as formas e as funções da repetição compreende um total de 3053 ocorrências, registradas em 28 encontros. Os dados analisados nesta pesquisa já estavam transcritos⁸. O que fizemos para constituir o *corpus* de pesquisa foi separar as ocorrências da repetição na produção dos sujeitos analisados e assistir aos vídeos, para melhor observar as ocorrências.

A análise realizada com os sujeitos não-afásicos não foi quantitativa; esta serviu-nos, contudo, como exemplo comparativo. As funções textual-discursivas foram tomadas como base e, através destas, as formas de repetição foram contempladas. Os trechos em negrito são os dados relativos à repetição analisados nesta interação. Vejamos abaixo as análises que contemplam as siglas dos nomes dos sujeitos, em negrito, afásicos e não-afásicos, para um melhor entendimento das formas e das funções textual-discursivas da repetição.

A partir da abordagem textual-interativa adotada por Marcuschi (1992), exemplificaremos as várias formas e funções que a repetição assume em situações interativas, indicando: *i)* seus contextos de *produção* (auto-repetição e hetero-repetição); *ii)* seu estatuto lingüístico (morfológico, lexical, sintagmático, oracional); *iii)* sua *distribuição* (contígua, próxima, distante); *iv)* destacando ainda as funções textual-discursivas quanto à sua marca (*coesão, formulação, compreensão, argumentação e interação*), bem como suas funções dentro de um contexto interativo:

⁸ O sistema de transcrição encontra-se detalhado na página 114.

3.3.1. função de Coesão

1 **NS:** a **R fala** a C não... fala mãe... a R
2 **a R fala mãe..** né? a tal tal tal mas eu não sei...
3 fala mãe a **R ah ce mãe você não sabe** mãe eu não
4 falo... você acha? pera um pouquinho pera um pouquinho
5 eu vou eu vou conversar... a cê não sabe aí eu pera...
6 aí eu choro... pera pera um pouquinho eu vou falar...
7 vai vai fala fala... aí sai sabe? vontade de chorar né?
8 vontade de chorar... fala mãe... deixa pra lá vai...

Neste exemplo, NS está contando para o grupo sobre a dificuldade que tem de falar depois que sofreu o AVC. Como podemos ver na L1, ela fala da filha R e, logo em seguida, faz referência à mesma e, na L3, faz uma repetição confirmando o referente. Trata-se de uma reduplicação do mesmo ambiente sintático com a intercalação de um breve comentário entre a matriz e a repetição.

Trata-se de uma auto-repetição oracional, próxima, literal, intra-turno, com a função de coesão referenciativa e seqüenciativa.

1 BC: com alguma dificuldade com algum tropeço mas se a
2 gente tiver paciência a gente chega lá não chega
3 né? então é por aí que a gente tem que encarar né?
4 EM: alguma pergunta NS?
5 **NS:** então eu trabalhava sabe?... faxina... depois do
6 derrame não dava sabe?... passado deixa ver... muito
7 atrás... **eu não falava... eu não falava nada** nada... um
8 mês um mês quase dois **não falava nada**

De acordo com Lyons (1977), a referência é uma noção dependente do enunciado. O locutário utiliza um ato de referência, ele se refere, ou seja, confere à expressão uma referência. Se a referência for bem sucedida, a expressão referencial permite que o alocutário identifique o referente. Assim, seguindo a noção proposta por Lyons (1977), de que dois elementos se repetem referencialmente quando têm o mesmo referente, seja este um indivíduo, um objeto, um fato ou um conteúdo proposicional.

No exemplo acima, os sujeitos EM, não afásica, e NS, afásica, estão discutindo um assunto de interesse de todos, isto é, o que aconteceu depois que NS sofreu o AVC. NS, na L5, relata que antes trabalhava e que depois do AVC ela não conseguia falar nada, **eu não falava, eu não falava nada, não falava nada**. Neste caso, NS constrói o diálogo retomando o que foi dito, fazendo referência ao enunciado anterior de que antes ela trabalhava e que depois ela ficou quase dois meses sem falar nada.

Trata-se de uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, intra-turno, que tem como função a coesão referencial e seqüenciativa.

- 1 **EM:** esse jornalista... publicou uma matéria uma
2 reportagem um texto lá nos Estados Unidos num jornal
3 chamado New York Times... dizendo que... que o **Lula** o
4 presidente... fazia o quê? olha o gesto do seu EF
5 bebia
6 *-----→*
7 ((EM repete o gesto de EF, que leva o polegar à boca
8 como se estivesse bebendo alguma coisa. SP repete o
9 mesmo gesto))
10 NS: nossa
11 **EM:** começou a cair mal né... disse isso mas disse
12 outras coisas né... então o **governo** achou isso uma
13 calúnia... chamou um **presidente brasileiro** de... de
14 quê... de bêbado e dizendo que o povo brasileiro... se

15 preocupava com isso eu por exemplo nem sabia dessa
16 coisa... então o **governo** falou que é uma calúnia... e
17 que isso pode ir...contra a honra do **governo brasileiro**
18 **o presidente** né... e pode é... prejudicar a imagem do
19 país... no exterior... e a medida que fez **o governo** pra
20 retaliar ou enfim ou pra... responder com vigor né...
21 essa medida foi o quê foi expulsar o jornalista e aí a
22 confusão... se instalou por que muita gente acha que
23 foi demais foi um gesto exagerado **do governo**...
24 expulsar o jornalista que deveria ter... tomado uma
25 medida enérgica mas...achar que expulsar o
26 jornalista... era coisa de ditadura enfim... a coisa
27 foi cada vez mais piorando o senhor viu isso seu SP?

Para Koch (2006:58), “a referência diz respeito, sobretudo, às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve”. No exemplo, acima temos a fala de um sujeito não afásico, EM, que está comentando com o grupo a reportagem que foi feita nos EUA sobre o presidente Lula. No decorrer do texto, o tempo todo, EM faz referência ao presidente, ao governo, confirmando sempre o referente, que é Lula. Eis uma repetição lexical, próxima, com variação, intra-turno, com a função de coesão por referenciação.

3.3.2. Coesão Seqüencial

1 NS: então... agora eu falo... mais ou meno... agora que
2 eu não não escrever e ler mais ou meno
3 BC: hum?
4 **NS: passado eu se sei ler e escrever**... agora... parou
5 **não sei também**... meu nome... **muita gente eu sei**... né?
6 então eu eu to to eu quero meu Deus minha Nossa Senhora
7 eu quero saber ler e escrever... **passado eu sei e**

8 **agora...** será que será que eu...
 9 BC: consegue vai ter suar um pouco... vai ter que...
 10 fazer exercício...
 11 NS: mas porque exercício? escrev[er?]
 12 BC: [dá pra/isso que nem
 13 quando você aprendeu né?

Nesta interação entre a afásica, NS, e a não afásica, BC, NS está explicando como ficou depois que sofreu o AVC. NS diz que antes falava muito bem e que agora fala mais ou menos, sabia ler e escrever e agora só escreve o nome de algumas pessoas. BC fala para NS que ela consegue, mas vai ter que fazer exercícios de escrita. No decorrer de sua fala, NS repete várias vezes o segmento oracional tentando explicar para BC que antes escrevia e agora sabe escrever apenas o nome de algumas pessoas. Neste caso, de acordo com Marcuschi (1992), percebemos que há uma coesão linear da progressão do tópico sentencial de que antes sabia ler e escrever.

Temos aqui uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, intra-turno, com a função de coesão seqüencial.

3.3.3. Reconstrução de estruturas

1 EM: que também acontece né? num contexto não consigo me
 2 expressar porque a pessoa fala o tempo todo e a pessoa
 3 interrompe o tempo todo a gente pode tentar por exemplo
 4 a gente pode tentar a se recolher como o senhor falou
 5 ou pode como ET falou batalhar... no fundo no
 6 fundo a comunicação é uma disputa enorme como a gente
 7 fala em lingüística pela posse do turno pela posse da
 8 palavra
 9 JM: [exatamente... exatamente
 10 EM: [pela disputa os homens falam mais que as mulheres
 11 pegam [mais a palavra

12 **NS:** [não lá em casa
13 EM: pela disputa os homens falam mais que as mulheres
14 pegam mais a palavra
15 **NS: não lá em casa**
16 EM: é?
17 **NS: lá em casa não...** o R calmo calmo calmo calmo

De acordo com Marcuschi (1992:122), “uma das maneiras de formular é reformular”, como no caso do exemplo acima em que NS reconstrói a estrutura para explicar a EM que na casa dela ocorre o “contrário”, ou seja, as mulheres falam mais do que os homens. O sujeito NS reconstrói a estrutura em sua ordem sintática; na L15, ela constrói a estrutura com a negação no início da oração e, logo em seguida, na L17, reformula a oração colocando a negação no final “**lá em casa não**”.

Neste fragmento, temos uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, inter-turno, com a função de reconstrução de estruturas.

1 EM: que é polêmica que ninguém as pessoas... é estão
2 dizendo assim não é preciso que se mostre assim...
3 todos os filmes da vida de Jesus Cristo mostram ele
4 sendo supliciado mostram ele sendo... surrado né
5 sofrendo... inclusive fisicamente não apenas
6 emocionalmente mais... as cenas são terríveis que não
7 [dá pra...
8 SP: [eu me lembro (SI)
9 **EM:** assistir... dá embrulhos nas pessoas e ao mesmo
10 tempo diz que quem matou Jesus foi os judeus e que faz
11 com que os judeus hoje em dia se revoltem contra o
12 filme... **você viu isso.... vocês viram um pouco isso...**
13 no noticiário?

Neste exemplo com a participante não afásica EM, e o afásico SP, podemos bem exemplificar o que Marcuschi (1992:122) afirma em seu trabalho, isto é, que se pode entender este tipo de função como além da operação em nível sentencial, como também no nível inter-sentencial. É o que acontece no caso do exemplo acima, a matriz geral na L12 (**você viu isso**), que deu origem à repetição reconstrutora (**vocês viram um pouco isso**). Neste caso, EM reconstrói a estrutura, colocando-a no plural, dirigindo-se a todos do grupo.

Trata-se de uma auto-repetição oracional, contígua, com variação, intra-turno, com a função de formulação por reconstrução de estruturas.

3.3.4. Formulação corretiva

- 1 EM: quando perguntam onde mora sua mãe
- 2 NS: então eu não sei...
- 3 EM: falar a palavra
- 4 NS: não sei
- 5 JC: mas você sabe aonde é?
- 6 NS: eu sei...
- 7 JC: [mas você não consegue dizer
- 8 EM: [mas na hora você não consegue dizer a palavra?
- 9 HM: mas na hora nem sempre vem a palavra né?
- 10 NS: então
- 11 HM: nem sempre vem...
- 12 BC: mas assim se você for curtir a cidade onde ela mora
- 13 você consegue falar?
- 14 NS: não sei... eu sei escre/olha lá olha lá escrever eu
- 15 sei
- 16 BC: é mesmo?
- 17 MG: eu não consigo
- 18 NS: escrever mamãe mora aqui tal...
- 19 EM: você consegue escrever (SI)?

20 NS: eu consigo depois aonde? não sei... então... então
 21 BC: esse é um recurso... você pode escrever... porque
 22 escrever é igual falar
 23 ((risos))
 24 EM: se [for informar
 25 BC: [se for inter informação né?
 26 **NS:** então **onde a gente mora** aqui... mas **onde eu moro**
 27 não sei...
 28 EM: hã?
 29 NS: que nem você a:::: aqui ah ta depois esquece
 30 também.... esquece
 31 JM: eu (assisti) isso
 32 NS: então...
 33 JM: a minha fono tem... mania... como é que é... tem
 34 como o meu cur-so fala fa-la de escrever um filme uma
 35 pessoa alguma coisa... eu... eu não consigo isso...
 36 NS: então eu não consigo

Neste fragmento, temos a interação entre as participantes não afásicas EM, JC, HM e BC, e os afásicos JM e NS, que estão discutindo sobre as dificuldades de se comunicar depois do AVC. Na L26, NS produz o enunciado fonte (**onde a gente mora**); em seguida, faz uma pausa, marcando a interrupção no fluxo, percebendo o problema e reformulando a oração corrigindo o uso do pronome de 3ª para a 1ª pessoa (**onde eu moro**).

Temos uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, intra-turno, com a função de correção.

1 EM: e você chegou aqui quando em janeiro já?
 2 NS: não janeiro não... janeiro... janeiro é janeiro
 3 EM: é você voltou em janeiro final de janeiro então

4 NS: isto deixa eu ver... vinte vinte e sete
 5 EM: tá ficou um mês e pouco
 6 NS: é um mês... quase um mês né
 7 EM: é... que bom e aqui encontrou tudo em ordem na sua
 8 casa
 9 NS: isso
 10 EM: suas filhas neto marido
 11 NS: R V a C vixi (iniciais do nome)
 12 EM: tudo em ordem?
 13 NS: em ordem ((risos))
 14 EM: essa parte é boa também... e dona SI a senhora não
 15 contou um pouquinho pra nós né
 16 **SI: eu tenho cinco coisas... não quatro coisas**
 17 *-----→* ((indica
 18 com os dedos))
 19 EM: conta pra nós aí
 20 SI: é... o... o caçula veio
 21 EM: isso seu filho caçula veio
 22 SI: é... depois dia oito e (3s) setembro
 23 EM: janeiro?
 24 SI: não
 25 IP: dezembro?
 26 SI: não fevereiro... e aí depois... o sissi seis anos
 27 não cinco ano
 28 si:*-----→* ((indica com os dedos))
 29 EM: que você não via ele
 30 SI: ô::
 31 *-→* ((balança a cabeça))
 32 EM: ah então já tinha vindo um dos seus filhos do Japão
 33 agora veio o caçula... que não via há anos

34 SI: e depois o... tudo veio
 35 EM: ah então ficou contente né SI? cinco filho
 36 em: *-----→*
 37 ((indica com os dedos))
 38 NS: nossa
 39 EM: e faz tempo que você não via todo mundo né
 40 SI: é
 41 EM: ah que bom e esse seu filho caçula ele vai voltar
 42 pro Japão ou ele vai voltar pra lá?
 43 SI: ah não sei ainda... o (P) (inicial do nome) ainda volta po
 44 Japão né
 45 EM: já voltou?
 46 SI: não

Neste fragmento, temos a interação entre a participante não afásica EM e os afásicos NS, SI e IP, na qual eles comentam sobre as novidades ocorridas durante as férias. SI, na L16, diz que tem uma novidade para contar e diz (**eu tenho cinco coisas**). Em seguida, produz uma repetição com variação, cuja função é corrigir o uso do numeral que foi introduzido erroneamente na linha anterior (**não quatro coisas**). Neste segmento, observa-se a preocupação de SI em passar uma informação correta ao interlocutor. Observa-se aqui que o seu propósito é manter a interação, já que ao reformular o enunciado, SI está se preocupando com o entendimento da informação que está sendo passada. SI diz, em um primeiro momento, que tem cinco coisas para contar e, logo em seguida, se corrige, dizendo que são quatro coisas.

Temos aqui uma auto-repetição oracional, contígua, com variação, intra-turno, que tem como função corretiva.

1 JC: você lembra a profissão do pai da moça dona
 2 MN?...você lembra SI? qual que era a profissão do pai da
 3 moça?

4 EM: o que que ele fazia?
 5 SI: não sei ((risos))
 6 JC: [[cê lembra...o pai da Lisbela
 7 JT: [[o pai da Lisbela...o pai da mocinha
 8 EM: ah é
 9 JC: aquele gordo careca
 10 EM: o que que ele fazia?
 11 SI: não sei
 12 EM: ele era o quê?
 13 **NS: parece que co... cabô**
 14 EM: ai era militar?
 15 MN: era militar... era polícia
 16 EM: [ah o pai da noiva
 17 JC [era polícia
 18 MN: é
 19 NS: parece né
 20 MN: ...é então e... gordo
 21 JC: [cabo era aquele magrelo
 22 que ficava tentando namorar com a moça na cadeia...
 23 NS: [não tem a
 24 JC: ... o pai dela era sargento
 25 NS: isto memo
 26 ns: *-----→* ((aponta o braço em direção a
 27 JC))
 28 EM: ah então toda/todo o filme tava um pouco... a
 29 batalha deles pra ficarem juntos é isso... e por que
 30 tem [um
 31 NS: [é

Tomando como base o trabalho de Lagrotta (2001), consideramos o tipo de correção realizada por NS, no exemplo acima, bastante relevante. Nesta interação entre os sujeitos não afásicos EM, JC e JT e os afásicos SI, NS e MN, NS tenta explicar como era o pai da Lisbela, mas não consegue se expressar com clareza. Neste exemplo, NS começa a pronunciar a palavra **co...**, hesita, procurando a palavra adequada e, logo em seguida, faz a correção, produzindo corretamente a palavra **cabô**. Marcuschi (1992) em suas análises não aborda a correção lexical em específico, como nesta pesquisa em que este tipo de correção foi muito relevante, já que os sujeitos focalizados neste estudo têm dificuldades em se expressar, sobretudo, em função da dificuldade de encontrar palavras. Por isso, a correção lexical mostrou-se muito freqüente nos dados.

1 HM: ...descobrir como será que vai fazer o quê que
2 aperta né... é difícil não [é..NS?
3 **RN:** é [então como é **importan... a**
4 **importância** que... ah é a comunicação né.. então a
5 importância aqui dos acentos
6 HM: a gente entendeu tudo né
7 RN: é
8 MS: não
9 RN: interessante também é bom que ela tenha esses
10 amigos argentinos lá que é difícil você ir pra outro
11 país pra trabalhar pra dar um curso... sem conhecer
12 ninguém né... ela já conhecia algumas pessoas e...
13 então ela tem parece que se tem divertido...tem saído
14 com eles... contou pra eles sobre o CCA... livrinhos
15 MS: ma:::ravilha o:::h
16 ms: *-----→*((ergue o braço))

Tem-se aqui, neste episódio, as participantes não afásicas RN e HM, bem como o afásico MS, que estão discutindo sobre a importância da comunicação quando estamos

em outro país. RN, na L3, começa seu turno dizendo (**como é importan**), hesita e, em seguida, na L4, produz o corte seguido de uma pausa (**a importância**), ratificando o que foi dito anteriormente. Eis uma auto-repetição lexical, próxima, com variação, intra-turno, com a função de formulação por correção.

3.3.5. Formulação expansiva e hesitativa

- 1 ET: o que você achou do filme? ((dirigindo-se a NS))
- 2 MS: “Olga” ((ainda apontando para o livro que está com
- 3 MN))
- 4 NS: gostei...
- 5 ET: hum
- 6 **NS: só que pena da menina... da menina e da mulher...**
- 7 Nossa Senhora
- 8 ET: a menina filha dela?
- 9 NS: é

Este tipo de função tem como característica principal a auto-repetição. De acordo com Marcuschi (1992:124), “esta função se dá com mais frequência entre as repetições de segmentos maiores”. No *corpus*, por nós analisados, este tipo de função se deu, na maioria das vezes, próximos ou contíguos. No exemplo acima, pode-se ver melhor esta diferença. Neste episódio, os sujeitos afásicos MS e NS e a não afásica ET estão comentando sobre o filme brasileiro *Olga*. NS faz o comentário que está com **pena da menina... da menina e da mulher...** referindo-se ao personagem protagonista do filme *Olga*. Assim, podem-se observar nestas expansões uma mesma progressão, até que o seu argumento seja concluído.

Há aqui auto-repetição sintagmática, contígua, com variação, intra-turno, com a função de hesitação expansiva.

- 1 EM: foi mais gente?

2 SI: como chama... é...

3 SP: Patrick

4 **SI**: não outro **é é é**

5 SP: eu?

Neste exemplo, SI, na L4, usa a hesitação expansiva para tentar lembrar o nome de quem tinha ido viajar com ela. EM pergunta se foi mais gente com ela, SP participa da interação e diz “Patrick”. Neste momento, SI hesita “**é é é**” e, logo em seguida, SP completa perguntando se é ele mesmo.

Temos aqui uma auto-repetição lexical, contígua, literal, intra-turno (**ééé**) com a função de hesitação expansiva.

1 EM: o senhor viu gente saindo do cinema... ou não...

2 durante a cena assim ((JM faz gesto de negação com a
3 cabeça)) [não

4 JM: [não... quase

5 EM: FC você queria falar alguma coisa?

6 FC: não ((risos))... eu ia falar da polêmica do... das
7 pessoas que [morreram assim

8 EM: [tá e morreram

9 FC: (mataram)... primeiro foi o lançamento nos Estados
10 Unidos quando houve o lançamento

11 EM: morreram primeiro o filme é

12 FC: e uma pessoa na Europa

13 ET: foi na Europa não foi aqui... por que já tá

14 passando aqui no D. Pedro [né... e eu fui no cinema

15 e... aí tem

16 JM: [sim

17 ET: moça que tinha saído desse filme e foi assistir

18 outro... foi assistir o que eu tava assistindo...[ela

19 saiu assim

20 EM: [sei

21 ET: já sentou do meu lado e começou a falar... e ela

22 tava impactada com o filme e ela falou que viu as

23 pessoas até infartarem... que tem seguranças que ficam

24 andando no cinema pra ver se as pessoas estão bem e

25 tal... aqui no D. Pedro eu não sabia de nada até então

26 ((todos falam ao mesmo tempo))

27 FC: eu tava na fila... eu tava na fila do cinema... eu

28 tava na fila do cinema saiu um casal e a moça [comentou

29 ET: [mas aqui

30 no D. Pedro

31 FC: assim com o rapaz quero ficar um ano sem comer

32 carne ((risos de FC e em seguida de MS em tom de

33 ironia))

Observa-se no exemplo acima que a repetição que FC, não-afásica, produz, na L27, vai sendo expandida sucessivamente “**eu tava na fila**”, “**eu tava na fila do cinema**”, “**eu tava na fila do cinema saiu um casal...**”. Nota-se, neste exemplo, que em cada expansão houve um acréscimo de informação.

Temos aqui uma auto-repetição oracional, contígua, com variação, intra-turno, com a função de formulação expansiva.

3.3.6. Parentização

1 **NS:** [eu também não gosto que bate sabe?

2 **JC:** [nossa essa hora... eu não quero mais ser forte eu

3 quero ter medo... puta que...

4 **ET:** e aí?

5 ((Nesse momento formam-se dois grupos: JC, EF e MS; ET e NS))

6 EF: [[ah... ((risos))
 7 MS: [[eu chorei...
 8 *----->* ((gesticula com as mãos lágrimas caindo 9
 do rosto))
 10 JC: *----->* ((gesticula
 12 lágrimas caindo do rosto juntamente com MS e olha para EF 13
 mostrando o gesto))
 14 EF: [[ah... ((mostra algo no papel para JC que não pode ser 15
 observado devido ET estar na frente))
 16 (sobreposição de ET e NS))
 17 **NS:** [[então... **eu também não gosto... bate...**

Trata-se de uma função exercida pela repetição que ocorre logo após o encerramento de um parêntese, ou seja, o enunciado original é retomado depois da inserção de um parêntese. Neste episódio, temos a interação entre NS, EF e MS, afásicos, e ET e JC, não-afásicas, que estão comentando as cenas do filme “Olga”. No filme, há uma cena em que os personagens apanham. No decorrer da interação, os participantes vão tecendo comentários e formando pequenos grupos para outra atividade, até que NS retoma o comentário dizendo que ela também não gosta de bater, concluindo o que ela tinha dito no início do diálogo.

Eis um caso de auto repetição oracional, distante, com variação, inter-turno, com a função textual de parentização.

1 EM: qual que é esse aí gente? o que é um fulano que ta
 2 com uma...
 3 SP: corda no pescoço
 4 NS: enfim o que que é isso?
 5 **EM:** quando a gente fala **eu to com a corda no pescoço**
 6 JC: endividado
 7 EM: hã? o que que vocês falaram

8 JC: Fala aí (SI) endividado eu pensei
 9 *-----→*
 10 ((esfregando o polegar e o indicador simbolizando
 11 dinheiro))
 12 EM: mas e quando você por exemplo está sem/ tem que
 13 fazer uma coisa e ta sem prazo ta com o prazo em cima e
 14 fala to com a corda no pescoço
 15 JC: ah quando tem que entregar uma qualificação por
 16 exemplo ((todos riem))
 17 **EM:** você não tem um tempo suficiente né [ta **com a corda**
 18 **no pescoço**
 19 JC: [isso foi
 20 referencial

O exemplo acima aponta bem a função exercida pela repetição por reformulação. De acordo com Marcuschi (1992), trata-se de uma função exercida pela repetição que ocorre logo após o encerramento de um parêntese. No exemplo acima, MS e NS, afásicos, e EM, não afásica, comentam a expressão idiomática “corda no pescoço”. Na L5, EM introduz o enunciado original, JC faz alguns comentários sobre a expressão e, Na L18, EM parentiza, repetindo o enunciado original logo após parentização realizada por JC.

Eis uma auto-repetição oracional, distante, com variação, inter-turno, que tem a função de parentização.

3.3.7. Compreensão intensificativa

1 HM: então não o seu JM perguntou porque que o MS usa a
 2 palavra maravilha muito porque que ele fala muito ele
 3 perguntou se antes da afasia ele também falava muito
 4 maravilha

5 EM: falava?... o Serra você falava a palavra maravilha?
 6 MS: nada
 7 EM: falava a palavra? ((se dirigindo a MS))
 8 JM: não antes antes antes
 9 **NS: falava antes antes antes**
 10 MS: não

As participantes HM e EM, não afásicas, bem como NS, MS e JM, afásicos, estão discutindo com MS se ele já usava a palavra maravilha **antes** de se tornar afásico. Fazendo a análise do episódio e, baseando-nos na definição de Marcuschi (1992), segundo o qual este tipo de repetição ocorre quando uma série de ações diversas está sendo referida pelo mesmo elemento genérico, podemos ver como se deu a utilização da palavra **antes**, referindo-se a contextos diferentes. Esta repetição tem uma função de listagem, na medida em que denomina referentes diversos, cada qual se refere a um tempo específico. No exemplo acima, a enunciação das palavras **antes, antes, antes**, refere-se, cada uma, a um tempo específico, anterior ao AVC sofrido por NS,.

Neste caso, temos uma hetero-repetição lexical, contígua, literal, intra-turno, com a função de intensificação.

1 HM: não mas ela ela acha que... por que você não vota
 2 SI?
 3 SI: ah... por... que ((volume de voz muito baixo))
 4 JC: [acho que ela não tem
 5 NS: cê não tem?
 6 HM: não [tem título
 7 EF: [não... não
 8 *-----→* ((acena com a cabeça em sinal de
 9 negação, e começa a mexer em sua carteira))
 10 HM: eu sei que a dona M também não tem aqui... ela não

11 vota
 12 MG: não tem título
 13 EF: ãh
 14 *--→* ((tira documento da carteira))
 15 SI: meu marido vota
 16 HM: seu marido vota né...
 17 EF: hum ãh
 18 *-----→* ((vira em direção a HM e lhe mostra um
 19 documento, provavelmente o título de eleitor))
 20 HM: é... mil novecentos e trinta... setenta e quatro
 21 anos
 22 EF: é
 23 *→* ((pega o documento das mãos de HM e o guarda
 24 novamente na carteira))
 25 MG: ixi::
 26 HM: [então...
 27 MG: [tudo isso?.... no::ssa ((risos, provavelmente de MS
 28 sentado ao lado de MG))
 29 SI: dez ano mais novo você mais véio que ele
 30 HM: olha aqui é por isso que você reconheceu a dona L (niicial
 31 do nome)né... [pela foto
 32 *-----→* ((mostra uma foto para NS))
 33 NS: [é eu vi eu falei eu conheço eu con[heço
 34 **HM:** [muito
 35 **simpática sua mãe... não MS... nova... muito ativa...**
 36 bacana
 37 MS: [isto
 38 *--→* ((faz
 39 sinal com o polegar um pouco antes da verbalização))
 40 MS: [oi... oi-tem

41 JC: [ai eu não vi as fotos
 42 HM: oitenta
 43 MS: ãh... é ... uhamm....[três
 44 *---→* ((indica o número
 45 três com os dedos das mãos))
 46 NS: [três

Neste contexto interacional, temos os sujeitos afásicos NS, SI, EF, MG, MS, e as não afásicas, HM e JC, que estão comentando sobre quem vota ou não nas eleições governamentais.

Neste trecho, encontra-se a ocorrência da intensificação, como na L30, em que a participante HM, não afásica, olha a foto da dona L, mãe de MS, e diz para NS que é por isso que ela conhece a foto, pois já havia visto a foto antes. Logo em seguida, na L34 e L35, HM se utiliza de uma série de adjetivos semanticamente equivalentes: “ **muito simpática, M. nova, muito ativa**”, para dar qualidades à dona L, intensificando-as ainda mais.

Temos aqui uma auto-repetição sintagmática, contígua, com variação, intra-turno, com a função de intensificação.

3.3.8. Reforço/ênfase

1 RN: no rio? ou não? foi pra praia mesmo dessa vez?
 2 SI: praia e depois é::
 3 MS: Ubatuba
 4 SI: não
 5 (risos))
 6 IP: eu ia falar Ubatuba mas... Rio de Janeiro?
 7 **SI: não não não**

Temos aqui a participante RN, não afásica, e os integrantes afásicos, SI, MS e IP, que estão discutindo para onde SI foi depois de ir à praia. RN pergunta, na L1, se ela vai para o **rio**; MS, na L3, diz Ubatuba. Neste instante, SI, na L7, nega que tenha ido ao “**rio**” ou a “**Ubatuba**”, reforçando que “**não, não, não**”. Como podemos perceber, SI diz **não** e, em seguida, repete várias vezes o segmento morfológico **não**, enfatizando a idéia de que não foi para os lugares mencionados por RN, MS e IP. O que se percebe nesta interação é que SI não entendeu bem a que “**rio**” RN está se referindo. Pelo que se pode observar, na L1, RN não está se referindo ao **Rio de Janeiro** e sim a um **rio** para pescar, atividade a que costumeiramente SI e sua família se dedicam.

Temos aqui uma auto-repetição morfológica, literal, contígua, intra-turno, com a função de facilitar a compreensão e reforçar.

1 HM: dona SI olha lá a NS já tem os candidatos dela... a
2 NS vai ficar mais aqui ó...
3 *---→ ((eleva o santinho à vista dos demais))
4 SI: é?
5 **NS: ((vá)) pensando pensando ((dirigindo-se a SI))**
6 ((risos de SI))

Este trecho mostra uma interação entre a participante não afásica HM, e as afásicas SI e NS. Elas estão discutindo sobre o candidato no qual NS irá votar na eleição municipal. HM menciona o nome de um candidato e mostra a propaganda dele com uma foto, dizendo que já sabe em quem NS vai votar; SI confirma “**é**”, e NS responde “**((vá)) pensando pensando**”. Nota-se, neste trecho, que NS, na L5, repete o mesmo fragmento, enfatizando a idéia de que eles estão enganados em relação ao seu voto.

Temos aqui uma auto-repetição lexical, contígua, literal, intra-turno, com a função de reforço.

1 EM: é muita coisa? só se for lá no restaurante francês
 2 ((EF acena negativamente com a mão))
 3 EF: **vinte cin-co**
 4 **EM: vinte e cinco** ah legal... a gente paga duzentão...
 5 duzentos reais num jantar... é aquele jantar... seu EF
 6 foi quanto? vinte?
 7 EF: cinco
 8 EM: vinte e cinco... foi bem tudo lá? divertiu-se?
 9 gostou? ((EF afirma com gesto de cabeça)) mas o senhor
 10 não foi só neste jantar o senhor tava contando... que
 11 teve esse:: evento aqui... é a apresentação de quem?
 12 EF: neta
 13 EM: da sua [neta como é que é o nome dela? ((EF tenta
 14 apanhar algo para mostrar)) como é que é o nome dela?
 15 tenta falar seu E
 16 MS: [a::h

Neste episódio, focaliza-se a fala da participante não afásica EM. Neste fragmento, EM não afásica e EF afásico, estão discutindo sobre o valor de um jantar beneficente, EM brinca que irá só se for em um restaurante francês; EF diz que o custo do jantar é “**vinte e cin-co**”. Como podemos ver na L4, EM produz uma hetero-repetição, reforçando o que EF diz na L3, “**vinte e cinco**”, demonstrando um entendimento sobre o que foi dito.

Eis uma hetero-repetição lexical, contígua, com variação, inter-turno, com a função discursiva de reforço.

3.3.9. função de esclarecimento

1 HM: bom esse presente hein você compra o quê quiser

2 NS: bolo né SI... bolo
 3 **SI:** e depois de... de... (SI) deu deu deu **ele deu...**
 4 **como chama é?... ele deu... presente... não... aniversário e**
 5 mais o... é

Temos aqui a integrante HM, não afásica, e NS e SI, afásicas. As participantes estão discutindo sobre o presente que SI irá ganhar de aniversário. Em seguida, SI, na L3, esclarece que o presente que ganhou não era de aniversário “**ele deu... como chama é?... ele deu... presente não aniversário**”. Este presente era por outros motivos que não foram mencionados.

Trata-se de uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, intra-turno, com a função de corrigir, esclarecendo.

1 HM: ah:: ta certo... [foi isso
 2 **NS:** [eu ganhei... é:: **eu ganhei (SI) lá em**
 3 **casa**
 4 HM: que que você ganhou dele?
 5 **NS: um relógio lá em casa**
 6 HM: um relógio você ganhou? Por isso que você votaria
 7 nele?
 8 NS: é

Na terminologia de Tannen (1989), este tipo de repetição serve para confirmar o que foi dito pelo locutor e que não foi entendido pelo interlocutor. Tem-se aqui o diálogo entre HM, não afásica, e NS, afásica. NS menciona que ganhou algo, HM pergunta o que ela ganhou, ela responde que é um relógio, esclarecendo o que não havia sido entendido por HM. Uma característica essencial deste tipo de repetição é vir próxima e sempre em posição de comentário.

Temos aqui uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, intra-turno, que tem com função de esclarecimento.

1 EM: ô SI Isabela não é o mesmo nome da sua?
 2 SI: é
 3 **EM:** ô SI **você tem uma netinha chamada Isabela** também?
 4 SI: tem
 5 JC: olha que coincidência
 6 NS: japonesa
 7 JC: neta do seu EF também é japonesa
 8 **EM:** então o que houve aqui... a **Isabela que é a netinha**
 9 **dele** essa menina muito bonita aqui... ela se apresentou
 10 dançando né cadê a menina tá aqui... e ela se
 11 apresentou numa coreografia dança de crianças chamada
 12 como?
 13 MS: trevasuras ne o ge-lo ((EF ri. EM mostra a foto
 14 para MG))
 15 HM: é isso? travessuras no gelo?
 16 JC: é travessuras no gelo

Tem-se aqui o diálogo entre os sujeitos afásicos, NS e SI, e os não afásicos, EM, HM, JC. EM, na L3, pergunta para SI se ela tem uma netinha que também se chama Isabela; SI, na L4 diz que tem. EM, na L8, tentando manter um entendimento entre os participantes diz “então o que houve aqui”, e esclarece que Isabella era a netinha do senhor EF, que não se tratava naquele momento da neta de SI.

Neste exemplo, temos uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, inter-turno com a função de esclarecimento.

3.3.10. Função de reafirmação

1 **SI:** (SI) **aniversario** do meu neto...
 2 EM: aniversario

3 **SI:** é quarta-feira... fevereiro não não é... é...
 4 novembro... di dia nove de novembro
 5 EM: certo
 6 **SI:** a **aniversario**.. e eu vou fazer festa
 7 EM: ah é?
 8 SI: bolo é... é... refrigerante tudo
 9 EM: la na sua casa?
 10 SI: não é é aqui...
 11 HM: vai fazer aqui?
 12 SI: ô...

O exemplo acima traz uma ocorrência deste tipo de função de reafirmação, que pode ser visto no contexto em que SI, afásica, na L1, informa que será seu aniversário. Na L3, ela menciona o dia e o mês. Na L6, SI reafirma que é o seu aniversário, e ela vai fazer festa.

Eis uma auto-repetição lexical, próxima, literal, inter-turno, com a função de argumentação reafirmativa.

1 JC: terminou a aula? ((dirigindo-se a EF))
 2 HM: agora? ((também se dirigindo a EF))
 3 MS: não
 4 HM: não a gente ta terminando daqui a pouco
 5 JC: ate onze e meia
 6 **NS:** [**quer ir embora?**]
 7 HM: não vai querer ficar ate a fisioterapia?... tem
 8 almoço fisio sim fica um pouquinho mais a gente ta
 9 vendo aqui conversando...
 10 **NS:** **mas por quê embora?** ((dirigindo-se a EF))
 11 HM: o senhor viu que semana que vem nós vamos/ nós
 12 estamos combinando de ir ao cinema isso o senhor vai

13 vai?
14 ((EF sinaliza positivamente com a cabeça em resposta a
15 pergunta de HM))
16 HM: mas senta um pouquinho aqui com a gente
17 ((EF movimenta a mão de um lado para outro, se
18 despedindo))

As repetições de reafirmação possuem um caráter de insistência do falante. É comum que o falante se auto-repita até que o ouvinte se manifeste com alguma atitude em relação ao seu argumento. Neste caso, NS pergunta se EF quer ir embora. Em seguida, ela repete querendo saber o “**porquê**” de EF ir embora. De acordo com Marcuschi (1992:147), a reafirmação e o reforço, apesar de muitas semelhanças, não se confundem: “o reforço se realiza, em geral, em pontos que não são estrategicamente importantes ou essenciais na argumentação em andamento”. De acordo com o autor, a reafirmação é a sugestão de centralidade e validade de uma assertiva. Como podemos ver no exemplo acima, há uma insistência de NS em saber as causas de EF querer ir embora.

Temos aqui uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, inter-turno, com a função discursiva de argumentação reafirmativa.

1 EM: a Marina meio ambiente... essa o senhor não
2 conheceu ((para SP)) então essa aqui também é conhecida
3 só que... isso daqui é das forças armadas exército
4 marinha ou
5 aeronáutica esse chapéu aí
6 EF: não ((faz gesto de negação com a mão))
7 EM: coronel da aeronáutica (((mostra a revista)))
8 MG: ela tá parecendo aquela
9 EM: uma atriz
10 MG: isso

11 **EM: eu também achei a Patrícia Pilar?**

12 MG: isso

13 **EM: eu também achei...** mas aí a reportagem mostra que é
14 uma oficial das forças armadas... mas eu não sei não
15 lembro agora... o senhor que ir até a reportagem pra
16 ver? ((EF nega com a cabeça)) olha aqui ó... ela é
17 piloto gente nada a ver... piloto entendeu? olha aqui a
18 capa diz o seguinte olha aqui..."formadoras de opinião
19 mulheres decidem desde a de comida até os
20 investimentos da família não profissão também
21 crescem"... e antes postos masculinos né postos só
22 masculinos né... atualmente elas ocupam postos que
23 antes eram só masculinos né aí tem essas pessoas aqui
24 empresárias entendeu? policiais ministras

O exemplo acima traz uma ocorrência da função discursiva de argumentação por reafirmação. Neste caso, também é comum que o falante se auto-repita para dar mais precisão ao argumento central. Tem-se aqui o sujeito EM, não afásica, que está discutindo com os outros sujeitos sobre uma foto que está no jornal. Eles estão em dúvida se é, ou não é, a foto da atriz Patrícia Pilar. EM, na L9, diz que ela achou também que era a Patrícia Pilar, **"eu também achei a Patrícia Pilar"** e, logo em seguida, reafirma dizendo **"eu também achei"**.

Temos uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, inter-turno, com a função de reafirmação.

3.3.11. Função de contraste

1 EM: veja o cartaz com cangaceiro na época que o filme saiu
2 no cinema
3 JC: é o Marco Nanini

4 **EM:** o ator Marco Nanini... como é que **aparece o**
5 **cangaceiro** neste filme?
6 **JC:** que **não é bem cangacei[ro**
7 **EM:** [não é cangaceiro?
8 **JC:** não não... ele é nordestino [alagoano... ele é
9 matador
10 **EM:** [ah alagoano ah ele é
11 matador
12 **JT:** muito macho muito macho
13 **EM:** ele é muito macho
14 **JC:** AH... já que a gente tá fazendo o negocio de
15 sotaque você consegue imitar o sotaque do carioca... do
16 falso carioca?
17 *-----→* ((faz aspas com os dedos))
18 **NS:** ai meu Deus ((risos de JC))
19 **JC:** que até tirou um sarro da F

Os participantes EM, JC e JT, não afásicos, e a afásica NS, estão discutindo o papel do ator Marcos Naninni, presente no filme assistido por eles. EM diz que no filme ele aparece como um cangaceiro; em seguida, na L6, JC contrasta sua posição dizendo que “**não é bem um cangaceiro**”, ele aparece como um nordestino de Alagoas, um matador. De acordo com Marcuchi (1992:150), “o contraste se dá como um jogo em que o mesmo e o diferente se comportam de maneira diversa da contestação”.

Neste exemplo, temos uma hetero-repetição oracional, próxima, com variação, intra-turno, com a função de contraste.

3.3.12. Função de contestação

1 **HM:** cinqüenta anos a senhora fez?
2 **SI:** **não não**

3 IP: não pode
4 HM: Bodas de ouro?
5 IP: não
6 SI: **não não**
7 JC: peraí quem então?
8 HM: quem que fez cinqüenta anos de casada?
9 SI: é eu...
10 HM: quando?
11 SI: é... é qua quarenta e três...

Neste exemplo, temos a participante HM, JC e IP não afásicas, e a integrante afásica SI. Elas estão comentando uma data comemorada por SI. Na L1, HM pergunta se SI fez cinqüenta anos de casada. Em seguida, na L2, SI contesta dizendo que “**não, não**” fez cinqüenta anos de casa. HM pergunta se ela fez então foi bodas de ouro, SI, na L6, contesta novamente dizendo que não, e, na L11, esclarece que não é cinqüenta, mas sim, quarenta e três anos de casada.

Temos aqui uma auto-repetição morfológica, literal, próxima, inter-turno, com a função de contestação e esclarecimento.

1 EM: [que por muitos motivos dói a cabeça entendeu como é
2 que é?
3 NS: [aham
4 EM: preocupação também dói por muitos motivos a cabeça é
5 que **dói também...**
6 **NS: dói não...**

Neste exemplo temos EM, não afásica, e NS, afásica, que estão discutindo as causas da dor de cabeça. EM, na L4, diz que preocupação faz doer a cabeça; NS, na L6, contrasta dizendo que não é a preocupação que faz a cabeça doer, ou seja, ela não tem dor de cabeça por preocupação. Temos aqui uma relação de discordância que quase sempre será realizada como uma hetero-repetição.

Eis um caso de hetero-repetição sintagmática, próxima, com variação, inter-turno, tendo função discursiva de contestação.

1 EM: ...**magras tem pressão baixa**... por exemplo por
2 extensão física por extensão metabólica
3 NS: **não é baixa é média**... é média... ontem amanhã eu
4 vou coisa... ta jóia...todo dia (SI) ta jóia...

Trata-se de uma função que tem a relação de discordância entre os interlocutores. Pode ser que ocorra uma contestação como um caso de auto-repetição. De acordo com Marcuschi (1992), trata-se de uma simulação de contestação. O exemplo acima demonstra, de maneira clara, esta postura entre os participantes. EM, não afásica, e NS, afásica, estão discutindo sobre a pressão arterial de cada um. EM, na L1, diz que “**magras tem pressão baixa**” e NS, na L3, contesta afirmando que “**não é baixa é média**”, ou seja, as magras não têm pressão nem alta e nem baixa, é média.

Esta é uma hetero-repetição oracional, próxima, com variação, inter-turno, que tem como função de contestação.

1 EM: o senhor tá falando das notícias né... procurando
2 uma notícia hoje... melhor... então a gente viu o quê
3 seu
4 HM: melhorzinha
5 EM: E... essa aqui do desemprego... depois a greve dos
6 portuários lá em... no Paraná... falamos sobre o
7 governo que está acuado pela... oposição...
8 EF: **san... santo**
9 EM: **Santos**... em greve também?
10 JM: também
11 HM: ah mas... pelos menos
12 EM: tô por fora
13 EF: (santo)
14 EM: o senhor falou Santos eu entendi

15 EF: soja
 16 HM: ah da soja
 17 EM: soja... ah que é exportada pelo porto de Santos...
 18 é... também tem né ((JM aponta para o jornal que está
 19 nas mãos de EM)) olha acho que notícia boa mesmo é o
 20 seguinte o Brasil vai ganhar do Paraguai ((risos))

O objetivo desta função é estabelecer um contraste em favor de uma das posições argumentativas dos enunciadores. No exemplo acima, temos o sujeito afásico EF, e as não afásicas EM e HM, que estão discutindo sobre algumas cidades que estão em greve. EF, na L8, diz que é na cidade de Santos, litoral de São Paulo. Em seguida, EM, na L9, demonstra incerteza em relação ao que foi dito por EF. EM, em um tom interrogativo, questiona seu interlocutor, dizendo “**Santos... em greve também?**”. Neste fragmento, percebe-se que EM duvida da afirmação de EF; em seguida, ela esclarece que é o porto de Santos que exporta soja. Este é um exemplo típico da contestação implícita; EM, no episódio acima, questiona EF em um tom de dúvida em relação à sua afirmação sobre o porto de Santos.

Tem-se aqui uma hetero-repetição oracional, contígua, próxima, literal, interturno, com a função de contraste.

3.3.13. Monitoração da tomada de turno

1 **NS: então já conversei né** [já conversei
 2 EM: [pra saber que vai direito
 3 como [é que é
 4 **NS: [então conversei**
 5 MS: eu vou
 6 EM: nem que seja para Maracangalha né
 7 MS: isso

8 **NS: então eu conversei** eu falei posso levar a R (letra inicial do nome) né?

9 então já conversei da R ah vou pensar... só a

10 R tá grávida

Esta interação ocorre entre EM, não afásica, e NS e MS, afásicos. NS quer, insistentemente, contar que irá levar a filha R para um passeio. NS, na L1, introduz o indicador “**então eu já conversei né**”, na L4, repete o indicador, e na L8, consegue tomar o turno e dar continuidade ao que ela estava falando. Observa-se neste exemplo, o emprego do formulaico “**então conversei né**”, um indicador claro para que a palavra seja concedida.

Temos uma auto-repetição oracional, próxima, com variação, inter-turno, com a função de interação, monitorando a tomada de turno.

1 HM: é uma associação mas não da sua cidade... capaz que

2 só vai ser o evento [lá né

3 RN: [certeza...

4 RN:...é...é na verdade é...um evento que pelo que eu

5 entendi aqui pelas outras reuniões é alguma coisa a ver

6 com essa ramo de construção mas é na sociedade hípica

7 de Campinas

8 MN: uai uai ele deve ser sócio (daqui) ele

9 HM: é a festa vai ser na hípica...chique hein

10 MS: chique

11 RN: a festa vai ser na hípica

12 HM: sem dedinho ((mostra o dedo mínimo para MS))

13 MG: não pode

14 HM: não pode né G ((risos de MS))

15 **RN: já que e[stamos**

16 HM: [que chique dedinho assim
17 **RN: já que estamos lendo então é...** correspondências...
18 vamos ler a carta da EM?
19 MS: pu:::xá

No exemplo acima está sendo levada em conta a interação entre as participantes não afásicas, HM e RN, e os afásicos, MG, MN, MS. Observa-se que RN, na L15, pede a palavra, mas HM dá continuidade ao assunto que eles estavam abordando, sobre uma festa na sociedade Hípica de Campinas. Na L17, RN insiste repetindo o que foi dito anteriormente, tentando tomar o turno para ler a correspondência de EM, participante do CCA, que estava fora do país.

Temos aqui uma auto-repetição oracional, próxima, com a variação, inter-turno, com a função de monitoração de tomada de turno.

3.3.14. Função de ratificação do papel do ouvinte

1 EM: bom pra ele né?... hein... aquele visual do Rio de
2 Janeiro... ah ((risos de EM e SI)) mas é isso... então
3 ele tinha compromissos lá... assuntos de trabalho...
4 então ele vem na semana que vem... e hoje deixou um
5 abraço a todos... tá jóia ... então é o seguinte a
6 exposição abre mais tarde meio dia... mas a senhora lá
7 disse que gente pode chegar **agora**
8 **NS: agora?... ah tá**

No exemplo acima, EM, não afásica, está falando sobre o horário em que a exposição irá abrir e eles poderão chegar “agora”, nesse momento. NS, afásica, argumenta demonstrando sinal de atenção e, ao mesmo tempo, confirma sua posição de ouvinte: “**agora?...ah tá**”. Este tipo de interação ocorre sempre quando o falante

está com a palavra e o interlocutor ratifica seu papel de ouvinte produzindo sinais de atenção.

Temos aqui uma hetero-repetição lexical, contígua, inter-turno, com a função interativa de ratificação do papel do ouvinte.

- 1 HM: agradável (3s) ritmos variados salsa merengue tchá-
- 2 tchá-tchá ((risos de todos))
- 3 RN: salsa samba
- 4 HM: como chama a outra?
- 5 ((alguém atrás da câmera diz lambada))
- 6 HM: lambada é... **lambada** você sabia
- 7 **RN: lambada?**
- 8 HM: é um delícia dançar lambada

Neste caso, a participante HM, não afásica, está falando sobre os variados ritmos de música que são tocados na Argentina. RN, também não afásica, na L7, ratifica o papel do ouvinte, produzindo uma hetero-repetição em tom interrogativo, “**lambada ?**”, realizando sinal de atenção sobre o que estava sendo tratado naquela interação.

Eis outro exemplo de hetero-repetição lexical, próxima, literal, inter-turno, com a função de ratificação do papel do ouvinte.

3.3.15. Função de incorporação

- 1 EM: mas você não foi pra Minas?
- 2 NS: já...
- 3 EM: não mas agora esta cidade que você falou **Cardoso**
- 4 **NS: Cardoso** depois é São João

Neste exemplo, NS, afásica, e EM, não afásica, estão discutindo sobre a cidade onde NS foi passear. Na L4, NS incorpora parte da produção de EM, “**Cardoso**”, dando

continuidade ao assunto. Esta repetição de interação por incorporação tem como principal característica a confirmação, ou seja, quando a matriz proposta pelo interlocutor é aprovada e incorporada na fala do outro. Esta sempre é caracterizada como uma hetero-repetição.

Eis uma hetero-repetição lexical, contígua, literal, inter-turno, que tem como função de incorporação.

- 1 EM: é o seguinte aqui a gente foi pra onde? como chama
- 2 esse lugar?
- 3 RN: **Águas de São Pedro**
- 4 **EM:** a gente foi pra **Águas de São Pedro** diretamente...
- 5 depois de lá nós saímos
- 6 SP a::
- 7 JC: o sítio fica em Águas...
- 8 RN: sítio ou chácara?
- 9 JC: chácara
- 10 EM: nós saímos e fomos para o passeio... pela cidade
- 11 (SI) e neste passeio a alegria de criança

Pode-se dizer que a incorporação revela um alto grau de envolvimento na interação, sua ausência implica um distanciamento entre os falantes. Neste caso, temos as participantes EM, RN e JC, não afásicas, e SP, afásico, que estão discutindo sobre o passeio que eles fizeram. EM pergunta como chama o lugar onde eles foram passear, e pede ajuda aos outros participantes, RN auxilia-a dizendo que foi “**Águas de São Pedro**”, nome que, logo em seguida, é incorporado por EM: “a gente foi pra **Águas de São Pedro** diretamente”.

Temos aqui uma hetero-repetição oracional, literal, inter-turno, que tem a função de incorporação.

3.3.16. Interação responsiva

- 1 EM: porque essas expressões figuradas se elas são assim
2 não são diretas né... (SI) situação né não é isso?
3 HM: mas sem pé nem cabeça né não sei se foi tão sem pé nem
4 cabeça
5 EM: **concorda** SI?
6 **SI:** ô concor concor **concordo**

Neste fragmento, as integrantes, EM e HM, não-afásicas, e SI, afásica, estão comentando as expressões figurativas presentes em nossa língua. EM pergunta para SI se ela concorda que as expressões figuradas são sem pé nem cabeça. SI, na L6, diz que concorda, realizando uma interação responsiva de pergunta/resposta.

Trata-se de uma hetero-repetição lexical, próxima, com variação, inter-turno, com a função de interação responsiva.

- 1 NS: porque isso aí? ((dirigindo-se ao livro))
2 ET: não gostou?
3 EF: não...
4 JC: mas o senhor falou que foi... [foi bom...
5 NS: [eu gostei
6 EF: ah...ah... ((movimenta a cabeça positivamente))
7 ET: não... gostou do filme...
8 EF: ow... ((movimenta a cabeça positivamente))
9 ET: ah ta bom...
10 JC: **gostou...**
11 **NS:** eu também **gostei...**

De acordo com Norrick (1987), a função de interação por responsividade se dá através de pares adjacentes; sobretudo a relação pergunta/resposta é norteadora das hetero-repetições. No trabalho de Marcuschi (1992), vale salientar que esta função se

deu, essencialmente, como auto-repetições, pois o seu *corpus* de análise não era de conversação espontânea, mas de entrevista com perguntas formuladas.

No diálogo acima, temos duas participantes não-afásicas, ET e JC, e os afásicos, NS e EF, que estão verificando quem gostou do filme que eles assistiram e, neste contexto, JC pergunta para NS se ela gostou. Logo em seguida, ela responde afirmativamente, demonstrando uma interação responsiva sobre o tema mencionado.

Tem-se aqui uma hetero-repetição lexical, próxima, com variação, inter-turno que tem a função de interação responsiva.

- 1 JT: o palhaço deu de cima do seu E ele ficou bravo
- 2 EM: o palhaço toda hora pegava no pé do seu E... chegava
- 3 ali e brincava com ele
- 4 SP: e:::: esse aqui... é... a::::primeira vez
- 5 *-----→* ((aponta para JT))
- 6 EM: AH foi legal... isso foi legal... a JC você **não**
- 7 **sabe** disso também
- 8 JC: **não sei**

De acordo com Marcuschi (1992:158), uma das características marcantes das repetições responsivas é apresentarem sempre uma mudança do padrão entoacional de final ascendente para outro descendente, o que caracteriza a transformação de uma indagação numa assertiva. Neste episódio, temos duas participantes não afásicas, EM, JC, e dois afásicos, JT e SP, que estão discutindo sobre algo que aconteceu no circo, assunto que JC desconhece. EM, na L6, pergunta para JC se ela não sabe do acontecimento. JC responde que não sabe, havendo uma interação responsiva entre os sujeitos, em relação ao argumento de JC.

Temos aqui uma hetero-repetição sintagmática, próxima, com variação, inter-turno, com a função de interação responsiva.

3.4. Análise estatística das ocorrências das repetições

Além da análise qualitativa da emergência e do contexto interacional característico de ocorrências da repetição apresentada nas seções precedentes, procedemos também em nosso estudo a uma análise quantitativa dos dados. Ambos os métodos reforçam os achados teóricos da pesquisa. A amostra utilizada para análise contempla as formas e as funções da repetição, compreendendo um total de 3057 ocorrências, registradas em 28 encontros ocorridos no CCA no decorrer do ano de 2004. A análise estatística foi realizada mediante a utilização do programa GOLDVARB X, cuja estratificação foi feita como apresentado a seguir.

VARIANTES

0 – wernicke - SI

1 – broca – NS

VARIÁVEIS

I – Formas da repetição

GRUPO I – formas - produção

A - auto-repetição- intra-turno

B – auto-repetição – interturno

C – hetero-repetição – inter-turno

GRUPO II – Segmento

D - morfológica

E – lexical

F – sintagmática

G – oracional

GRUPO III – **Distribuição**

H – contígua

I - próxima

J – distante

GRUPO IV – **Configuração**

K – literal

L – com variação

II – **Funções da Repetição**

GRUPO V – **Funções textual-discursivas**

= seqüenciação

+ referenciação

* - reconstrução de estruturas

!- correção

& - parentização

? – intensificação

\$ - reforço

- esclarecimento

5- reintrodução de tópico

7 – reafirmação

8 – contraste

9 – contestação

M - monitoração da tomada de turno

N – ratificação do papel do ouvinte

O – criação de humor/ironia

P – incorporação

Q – responsividade

3.4.1 – Resultados da análise estatística dos dados

TABELA 1 - Formas da repetição em termos de produção

Formas da repetição		Wernicke SI	Broca NS	total
Auto-repetição	intra-	74	203	277
	turno	26%	73%	44%
Auto-repetição	inter-	8	41	49
	turno	16%	83%	7%
Hetero-repetição		79	214	293
		26%	73%	47%

Para se entender os dados apresentados na Tabela 1, há que se considerar que, para o cômputo dos dados, neste momento, pode ser considerado apenas o aspecto formal da repetição, relacionado à produção.

Observa-se que a forma que mais favoreceu a produção da repetição foi a hetero-repetição com 47% das ocorrências. Em um total de 293 ocorrências, 26% foram produzidas por SI, e 73% por NS.

Neste caso, percebe-se que tanto o sujeito com afasia de Wernicke, quanto o com afasia de Broca tendem a produzir mais as hetero-repetições quando estão em interação. Tal procedimento também é comum em interações com sujeitos não-afásicos. Como se pode ver na tabela acima, as ocorrências da repetição na produção verbal de

NS são superiores à de SI, o que faz de NS⁹ um sujeito mais produtivo dentro da interação.

TABELA 2 - Aspectos relacionados às formas de repetição quanto à segmentação

Formas da repetição	Wernicke SI	Broca NS	total
morfológica	28 42%	38 57%	66 10%
lexical	105 29%	257 70%	362 58%
sintagmática	19 20%	75 79%	94 15%
oracional	9 9%	88 90%	97 15%

Na Tabela 2, estão especificadas as formas da repetição quanto à segmentação. Os dados mostraram que a marca de segmentação que mais ocorreu no *corpus* foi a repetição lexical. Em um total de 362 ocorrências sobre as repetições lexicais, SI produziu 29% e NS produziu 70%, respectivamente. Nota-se que em todo contexto interacional analisado, o que mais foi produtivo em relação à segmentação foi a repetição lexical.

Esses dados reforçam a idéia de Ramos (1983) de que a repetição lexical ocorre predominantemente em um contexto interativo, porque cognitivamente é mais fácil repetir uma palavra, dotada de conteúdo lexical, do que um segmento inteiro.

⁹ De acordo com o resultado do exame neurológico realizado no Hospital das Clínicas da Unicamp, NS apresenta um quadro de afasia de predomínio expressivo.

TABELA 3 - Aspectos relacionados às formas de repetição quanto à distribuição

Formas da repetição	Wernicke SI	Broca NS	total
contígua	75 30%	172 69%	247 39%
próxima	85 23%	277 76%	362 58%
distante	1 10%	9 90%	10 1%

Vejamos a Tabela 3, que traz os aspectos relacionados às formas da repetição quanto à distribuição. Percebe-se neste contexto, que a forma de repetição que mais ocorreu foi a “próxima”, com 23% das ocorrências para SI, e 76% para NS; e a “contígua”, com 30% para SI, e 69% para NS. Este resultado confirma a tese de Marcuschi (1992:69), segundo a qual, a repetição próxima e a repetição contígua têm maior produtividade em contextos interativos. De acordo com o autor, a explicação para este fato está nas funções que estes segmentos exercem dentro de um contexto interativo.

TABELA 4 - Aspectos relacionados às formas de repetição quanto à configuração

Formas da repetição	Wernicke SI	Broca NS	total
literal	118 26%	332 73%	450 72%
Com variação	43 25%	126 74%	169 27%

Na Tabela 4, pode-se perceber que a repetição literal foi a mais produtiva. Em um total de 450 ocorrências, 26% foram produzidas por SI, e 73% foram produzidas por NS. Este resultado está em consonância com Marcuschi (1992), em cujo trabalho a repetição literal foi a mais produtiva. O resultado aqui encontrado confirma a idéia de que é mais provável repetir integralmente, do que variar o contexto para produzir uma repetição.

TABELA 5 - Funções textual-discursivas da repetição

Formas da repetição	Wernicke SI	Broca NS	Total
Reforço	22 17%	101 82%	123 19%
Expansão	54 31%	120 68%	174 28%
Responsividade	33 29%	79 70%	112 18%

Agora serão apresentados os dados relacionados às funções textual-discursivas da repetição. Cumpre observar que serão destacadas apenas as funções que mais ocorreram nos contextos interativos entre os sujeitos afásicos. Em todo o *corpus*, percebe-se na tabela 5 que a função que mais ocorreu foi a formulação por expansão, em um total de 174 ocorrências; SI produziu 31% e NS 68%. Talvez esteja aí a explicação para os dados de afásicos, relacionados, provavelmente, com a dificuldade de encontrar palavras. Porém, não fica excluída a hipótese de que os não afásicos também expandem muito o seu texto. Neste contexto, percebe-se que o sujeito SI

produziu um grande número de repetições expansivas hesitativas, se comparadas com as outras produções realizadas por ela. Isso pode ser explicado pelo fato de que mesmo SI tendo uma afasia predominantemente de compreensão, em situação de fala coordenada, como no grupo do CCA, ela fala menos. Uma função, também, de grande destaque é o reforço, em um total de 123 ocorrências, com uma produção para SI de 17% e para NS de 82%. Também merece destaque a repetição responsiva, pergunta/resposta, com 112 ocorrências no *corpus*, 29% para SI, e 70% para NS. Este resultado demonstra que os sujeitos interagem adequadamente com o seu interlocutor na dinâmica conversacional.

A fim de proporcionar ao leitor uma visão completa da distribuição de todos os tipos de formas e funções da repetição, mesmo aquelas que não nos indicaram relevância de ordem analítica apresentamos abaixo a tabela com estes dados:

TABELA 6 - Formas da repetição

Forma da repetição	Afasia de Wernicke SI	Afasia de Broca Ns
Auto-R – intra-turno	74	203
Auto-R – inter-turno	8	41
Heter-R – intra-turno	79	214
morfológica	28	38
lexical	105	207
Sintagmática	19	75
oracional	9	88
contígua	75	172
próxima	85	277
distante	1	9
literal	118	332
Com variação	43	126

TABELA 7 - Funções textual-discursivas da repetição

Funções da repetição	Afasia de Wernicke SI	Afasia de Broca NS
seqüenciação	1	8
referenciação	1	10
Reconstrução de estruturas	1	8
correção	14	13
expansão	54	120
parentização	1	4
intensificação	1	5
reforço	22	101
esclarecimento	11	28
reafirmação	2	21
contraste	5	19
contestação	1	11
Monitoração de tomada de turno	1	4
Retificação do papel do ouvinte	7	18
Incorporação	2	6
responsividade	33	79

3.5. Tabulações Cruzadas

3.5.1. Produção X segmento

A seguir, serão apresentados os dados obtidos por meio do cruzamento das variáveis “produção” e “segmento”.

A partir do cruzamento entre as formas de “produção” e “segmento”, a forma que mais favoreceu a interação, ou seja, mostrou-se mais produtiva, foi a repetição lexical como hetero-repetição, totalizando-se em 190 produções, sendo 28% para SI e 72% para NS. Assim, percebe-se que os afásicos repetem mais como hetero-repetição do que como auto-repetição, indo de encontro com o trabalho de Marcuschi (1992), no qual a auto-repetição foi mais significativa.

As propriedades interativas do CCA parecem ter a ver diretamente com o número elevado de repetições lexicais encontradas na produção dos sujeitos.

3.5.2. Produção X distribuição

No cruzamento da forma de “produção” com a forma de “distribuição”, o que foi mais significativo entre os dados, foi a hetero-repetição próxima, que obteve 28% de produções para SI, e 72% para NS, em um total de 225 ocorrências. Estes dados também são destoantes em relação à análise realizada por Marcuschi (1992:68), na qual a auto-repetição foi a mais significativa. Esta forma em nosso *corpus* obteve um total de 180 produções, 32% para SI e 68% para NS. As auto-repetições com maior significância no *corpus* do autor supracitado foram as “próximas”, e as encontradas em maior número em nosso *corpus* foram as “contíguas”. Esta diferença pode ser explicada pelo número excessivo de repetições expansivas encontradas em nosso *corpus*.

3.5.3. Produção X configuração

Com relação ao cruzamento de “produção” X “configuração”, a forma que foi mais relevante, ou seja, com um maior número de produção, foi a auto-repetição literal, com 26% de produções para SI, e 74% para NS. Estes dados corroboram os de Marcuschi (1992), em que a maior ocorrência também foi da auto-repetição literal. Este resultado pode ser explicado por ser mais fácil e funcional repetir literalmente do que variar as formas de repetição na produção. Neste *corpus*, a maioria das repetições com variação foi a hetero-repetição por responsividade. Este tipo de ocorrência será esclarecido mais adiante quando analisarmos mais detalhadamente as funções da repetição.

3.5.4. Formas de produção *versus* funções textual-discursivas

Neste cruzamento das formas relacionadas ao aspecto de “produção” com as funções “textual-discursivas”, o que foi encontrado de mais relevante foi a auto-repetição de formulação por expansão, com 31% das produções para SI, e 69% para NS, em um total de 167 ocorrências encontradas no *corpus*. Também foram relevantes as hetero-repetições de compreensão por reforço, com 21% das ocorrências para SI, e 79% para NS, em um total de 89 em todo o *corpus*.

Por último, temos as hetero-repetições de interação por responsividade, com 30% das ocorrências para SI e 70% para NS, em um total de 109 ocorrências. Como, neste estudo, não se separa texto de discurso, não será possível fazer uma análise comparativa com dados de outros autores em relação à porcentagem de ocorrências.

CAPÍTULO 4

4.1. Considerações finais

Uma das considerações de nossa análise é que a repetição na linguagem de afásicos não é somente uma estratégia comunicativa utilizada para se fazer compreender ou ser compreendido. Vimos que se trata de um mecanismo muito mais complexo que contribui, de forma decisiva, para o processamento do texto falado, operando como um recurso central no planejamento da construção textual, como fator de interação e de sócio-cognição.

A observação e a interpretação da repetição, neste estudo, foram baseadas nas análises realizadas a partir de dados dos dois sujeitos da pesquisa, SI e NS, um com afasia de compreensão (Afasia de Wernicke) e outro com afasia de produção (Afasia de Broca), respectivamente. Embora haja diferença, tanto qualitativa quanto quantitativa entre os sujeitos, ambos contemplaram de maneira satisfatória para seus propósitos conversacionais as várias formas e funções da repetição.

Observando as tabelas de resultados, em termos quantitativos, pode-se ver que o sujeito NS foi mais produtivo em todas as ocorrências da repetição. O sujeito SI, como já mencionado, tendo uma afasia de compreensão, com um perfil comunicativo que podemos chamar de mais tímido e comedido nas emissões de tomada de turno e de abertura de turno, produziu em menor número as ocorrências da repetição. Observa-se, no entanto, que SI, mesmo falando pouco, não deixou de produzir todas as formas e funções da repetição. Esse comportamento, provavelmente, ocorre em função das dinâmicas que o CCA desempenha sobre o seu papel conversacional.

No que tange às ocorrências em relação às produções, percebe-se que as hetero-repetições foram mais produtivas. Tanto o sujeito com afasia de Wernicke quanto o sujeito com afasia de Broca tendem a produzir mais as hetero-repetições. Comparando este resultado com o de Marcuschi (1992), constata-se que há uma diferença em relação aos achados obtidos por este autor, em cujo *corpus* foi mais produtiva a auto-repetição. Talvez isso se dê em função de o *corpus* por ele analisado

ser considerado de contexto dirigido. Para Ishikawa (1991), a propósito, na hetero-repetição há um processo de “iconicidade interacional” que conduz à construção conjunta dos sentidos, explicando, assim, a fala espontânea. Assim como o trabalho de Ishikawa (1991), esta pesquisa analisa *corpus* que trabalha com interação espontânea, em que há um alinhamento dos interlocutores na construção do diálogo, como, por exemplo, as intervenções de concordância e discordância, pergunta/resposta, negação *etc.*

No que tange ao segmento, nota-se que, em todo contexto interacional analisado, o que mais se produziu em relação à segmentação foi a repetição lexical. Esses dados reforçam a idéia de Ramos (1988) e a de Marcuschi (1992), isto é, a idéia de que a repetição lexical próxima é a marca que mais se repete em um contexto interativo. Talvez isso se dê porque é mais fácil e cognitivamente funcional repetir uma palavra do que um segmento inteiro, ou pela co-construção e alinhamento dos interlocutores diante da interação.

Fazendo uma análise relacionada à distribuição, percebe-se que a marca com maior produtividade para NS e SI foi a “próxima”, confirmando a tese de Marcuschi (1992), segundo a qual a explicação para este fato está nas funções que estes segmentos exercem dentro de um contexto interativo.

Incorporando os termos de Bessa Neto (1991:228), para quem a repetição lexical atua como um fator coesivo para atender a especificidade de sua produção, pode-se entender melhor como esta tese se confirma em nossos dados, pois quanto mais próximo, mais fácil manter o referente na interação.

Em relação à configuração, a repetição literal foi a mais produtiva, com um total de 72% das ocorrências no *corpus*. Este resultado coincide com alguns trabalhos realizados sobre a repetição, como o de Marcuschi (1992) e o de Bessa Neto (1991), que apontaram a relevância da configuração literal entre o que é repetido e a sua matriz. De acordo com Marcuschi (1992:56), a repetição literal tem “absoluta similaridade configuracional entre a matriz e sua repetição”. Esta é idêntica em sua formação e não pode haver nenhuma alteração em sua forma lexical, semântica e sintática *etc.*

Fazendo uma interpretação das funções textual-discursivas da repetição, destacamos, aqui, apenas as funções que mais ocorreram nos contextos interativos entre os sujeitos afásicos. Em todo o *corpus*, a função que teve maior produtividade foi a formulação por expansão (ver Tabela 5). Talvez esteja aí a explicação para os dados com afásicos, pois esta função pode estar relacionada com a dificuldade de encontrar palavras, uma característica marcante de sujeitos com afasia.

Uma outra função de grande destaque é o reforço, com 17% das produções para SI, e 82% para NS. Para Bessa Neto (1991:107), o reforço atua na fala do sujeito como marca do item lexical mais relevante da seqüência que acabou de concluir. Esta afirmação corrobora os resultados aqui encontrados, pois os dados mostraram que os sujeitos analisados utilizaram-se desta estratégia para reforçar o argumento, dito por ele mesmo ou pelo seu interlocutor, para se manter na interação.

Também merece destaque a interação por responsividade. Esta se dá somente em contextos interativos de hetero-repetição, como bem lembra Norrick (1987) a respeito da organização dos pares adjacentes (pergunta/resposta), norteadores das hetero-repetições. Nos dados, por nós analisados, a repetição de interação por responsividade se deu em 29% das produções para SI, e 70% para NS. Marcuschi (1992) marca esta interação como sendo derivada de uma auto-repetição, destacando apenas dois exemplos de hetero-repetição, mencionando que em seu *corpus*, em função do tipo de interação que o caracteriza, a hetero-repetição não foi relevante.

Fazendo uma análise comparativa com os dados obtidos por Marcuschi (1992), Lagrotta (2001) e Norrick (1987) em relação à interação por responsividade, percebe-se que os resultados obtidos nesta pesquisa não são, em sua totalidade, compatíveis com os de Marcuschi (1992), mas equivalem aos de Lagrotta (2001) e Norrick (1987), pois no *corpus* analisado por estes autores, a interação por responsividade se deu apenas como hetero-repetição. Pensando no que foi encontrado por Marcuschi, ou seja, um número maior de auto-repetições do que de hetero-repetições, a explicação que

podemos dar é de que no *corpus* por ele analisado há uma interação por agenda¹⁰; por isso, as hetero-repetições são menos freqüentes.

Pode-se dizer que, em cotejo com os resultados das pesquisas de vários autores que trabalharam com o tema, tendo em vista o que os nossos dados mostraram, podemos afirmar que não há nenhuma evidência lingüística de que os afásicos usem a repetição de maneira anormal. Pelo contrário, eles a utilizam com fins lingüístico-discursivos próprios às conversações de todo e qualquer falante.

Para estudos afasiológicos mais tradicionais, os sujeitos afásicos apresentariam dificuldades em lidar com situações lingüísticas mais complexas, isto é, com os aspectos funcionais da linguagem. Porém, foi observado que, em várias situações interacionais, os sujeitos afásicos conseguiram lidar com as dificuldades lingüísticas de maneira criativa, servindo-se de todas as estratégias formais e funcionais da repetição de que dispõem os falantes para se comunicar.

Percebe-se que, no decorrer da interação, os sujeitos afásicos valeram-se de estratégias epilingüísticas¹¹, pois estas têm um valor reconstrutivo na busca de alternativas para resolver as suas dificuldades, seja na retomada de elementos da fala do outro, como no caso das repetições por incorporação ou da retomada de si mesmo, como no caso da repetição por reafirmação; seja quando se servem de discursos anteriores ou formas precedentes para reorganizar um novo discurso.

A atividade epilingüística recobre operações diversas sobre a linguagem, como transformar, segmentar, repetir, fazer escolhas e pensar sobre a linguagem e sobre os processos em que ela está envolvida. Neste estudo, percebe-se que o percurso epilingüístico interior e a atuação discursiva permanecem, a todo o momento, no *corpus*. Quando se tem um *corpus* interacional, pode-se dizer que os sujeitos se valem de estratégias epilingüísticas, a todo momento, não sendo específicas do falante afásico ou não afásico.

¹⁰ De acordo com Marcuschi (1992:161), “os textos do projeto NURC são mais voltados para o conteúdo que para as relações interpessoais. Não são casuais, têm um tema fixo e apresentam um certo grau de artificialismo em dados momentos”.

¹¹ Segundo Coudry (2002:16), a atividade epilingüística também “se explicita ao examinador nos silêncios, nas parafasias, nas contaminações, auto-correções, e mesmo quando se expressa sua tensão e insegurança (“Como é que chama?” “Eu sei mas não me lembro” etc.)”.

Importante, também, é ressaltar as diferenças quantitativas e qualitativas de produção da repetição entre os dois sujeitos da pesquisa. Em todo o *corpus* foram encontradas apenas 801 produções para SI, e 2287 para NS. Esta diferença não se explica pelo tipo de afasia dos sujeitos selecionados, fluente/disfluente, mas sim pela forma como cada sujeito reage na interação. SI, em meio à interação, fala menos e com timidez, mas consegue valer-se das formas e das funções da repetição adequadas ao seu propósito da conversação. Já NS, por ser bem mais expansiva, mesmo tendo uma fala agramatical, apresentando dificuldades para evocar palavras, interage mais por meio da fala e conversação, ampliando, assim, o seu quadro de formas e funções dentro da interação.

Nota-se, ainda, que a tendência dos dados relativos à repetição nas afasias não diverge, em sua maioria, de outros autores que trabalharam com o fenômeno, como Marcuschi (1992), Lagrotta (2001), Bessa Neto (1991), dentre outros. Contudo, algumas tendências merecem destaque, como, por exemplo, o número elevado de repetições expansivas encontradas na fala de SI, que pode ser explicado em parte pelo tipo de afasia que ela possui. Ela se vale de estratégias expansivas quando lhe faltam palavras; esta expansão é utilizada até que consiga concluir seu discurso ou até que alguns dos participantes a ajudem. Além disso, verificamos também diferenças, no caso das hetero-repetições, que foram encontradas em maior número, em virtude do *corpus* textual-interativo trabalhado nesta pesquisa.

A maior semelhança com os dados de Marcuschi (1992) está nas repetições próximas, que aparecem como característica dominante de todo texto falado, e se apresentam tanto no contexto das afasias, quanto nas análises dos autores supracitados.

Acreditamos que são muitos os resultados positivos disseminados ao longo desta pesquisa, embora ainda persistam muitas questões a serem esclarecidas em relação às afasias. Uma delas diz respeito à necessidade de se fazer uma análise comparativa com os participantes não afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), como nos exemplos mostrados na análise de dados. A nosso ver, somente através de uma análise comparativa entre afásicos e não afásicos

inseridos em um mesmo evento interativo será possível confirmar mais precisamente as semelhanças e diferenças lingüísticas e cognitivas relevantes entre os sujeitos.

Por último, afirmamos que foi fascinante embrenhar-nos pela construção de um estudo sobre as formas e as funções da repetição nas afasias, encontrando resultados que desmistificam o preconceito sobre a linguagem dos afásicos. Com este estudo, pode-se dizer que os sujeitos afásicos se valem das formas e das funções textual-discursivas da repetição como todo e qualquer falante da língua.

Com estes resultados, há uma possibilidade de quebra de crenças arraigadas na tradição Neurolingüística, bem como do preconceito em relação à fala e à competência comunicativa de sujeito afásico em situação interativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Nádia Pereira Gonçalves de. Prefácio. In: MENEZES, P. C. S. **A fala e o rio**. 2003. Fonte digital: www.ebooksbrasil.ORG.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. Trad. bras. São Paulo: Hucitec, 1981, (original russo 1929).

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (org). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: GUINSBURG, J. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BERLO, David. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BESSA-NETO, Regina. **A Repetição Lexical em textos Narrativos Orais e Escritos**. 1991. 235 f. Mimeo. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

BRAIT, Beth. O processo Interacional. In: PRETI, D. (org). **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, Publicações FFLCH/USP, 1997. p.189.214.

Butler-Wall, Brita Anne. **The frequency and function of dysfluencies in native and nonnative conversational discourse**. 1986. 190 p. Unpublished doctoral dissertation. University of California, Los Angeles, 1986.

COUDRY, Maria Irmã Hadler Coudry. **Diário de Narciso. Discurso e Afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988, 205p.

CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha. **Disfluência conversacional em falantes cultos**. São Paulo, 1997, 188 p. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH / USP, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: **Tiempo Contemporáneo**, 1970.

FÁVERO, L. L., OLIVEIRA A.M.L.C. V & AQUINO, Z.G.O. A Correção no texto falado: Tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H. M (org.). **Gramática do português falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: ed. Unicamp 1999, p.53-76 (Série Gramática do Português Falado, vol. VII).

FINN, P. & INGHAM, R. The Selection of “fluent” samples in research on stuttering: conceptual and methodological considerations. *In*: Healey, C. (org). **Readings on research in stuttering**. Nova Iorque: Longman Publishing Group, 91-109, 1991.

HILGERT, José Gaston. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante: Um caso de interação intraturno. *In*: PRETI, Dino (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2002, p. 89 - 124.

HUMBOLDT, W. **Linguistic variability & intellectual development**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1836/1972.

ISHIKAWA, M. Iconicity in discourse: The case of repetition. **Text** 11(4): 553-580, 1991.
JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia; Lingüística e Poética. *In*: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1954/1981.

JOHNSTONE, Bárbara. Repetition in discourse. **Ablex**, Norwood, NJ. v. 1, p. 162-175, 1987.

KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H. & JESSEL, T. M. – **Fundamentos da Neurociência e do Comportamento**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Segmentação: Uma estratégia de construção do texto falado. *In*: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: UNICAMP, São Paulo, 1999, p.29 - 52 (Série Gramática do Português Falado, vol. VII).

_____. A Repetição e suas Peculiaridades no Português Falado no Brasil. *In*: URBANO, U. et al. (org). **Dino Preti Seus Temas: Oralidade, Literatura, Mídia e Ensino** – São Paulo: Cortez, 2001, p. 118.127.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005, 167p.

_____. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 190p.

LYONS, J. Semantics. **Cambridge**, Cambridge University Press, v. 2. 1977.

LAGROTTA, Márcia Gomes Mota. **A Repetição em Idosos em Diferentes Situações Institucionais**. 2001. 243 f. Dissertação (Mestre) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2001.

LEBRUN, Yvan. **Tratado de Afasia: temas de cursos e congressos**. São Paulo: Panamed, 1983.

LEIWO, M & KLIPPI, A. Lexical repetition as a communicative strategy in Broca's aphasia, **Aphasiology**, v. 14, p. 203 – 224, 2/2000.

LIMA, Silvia Saraiva Pereira. **O Estatuto Neurolingüístico da Perseveração**. 2004. 363 p. Tese (Doutorado em Ciências Biomédicas) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MANSUR, Leticia Lessa. **As correções no discurso de indivíduos idosos**. 1990. 84 f. Dissertação (Mestre) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986, 94p.

_____. **Formas e posição da hesitação como descontinuidade da fala**. Texto mimeografado, Pernambuco, 1991.

_____. **A Repetição na Língua Falada: Formas e Funções**. 1992. 196 p. Tese (Livre Docência) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 1992.

_____. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. **Estudos da língua falada**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. Repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado** – Desenvolvimentos. 2 ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 105-141. (Série Gramática do Português Falado, volume VI).

MIRA, Caio César Costa Ribeiro. **O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos**. 2007, 108 f. Dissertação (mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MONDADA, Lorenza. Processus de catégorisation et construction discursive des atégories. In DUBOIS, D. (org.). **Catégorisation et Cognition: De la perceptio au discourse**. Paris: Kimé, 1994.

MORATO, E. M. (org), et al. **As afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (CCA)**. Campinas: Editora Unicamp, 2002, p.62.

_____. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referenciada dos processos enunciativos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. v. 41, p. 55-74, 2001.

_____. Neurolingüística. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. (Org.). **Introdução à Lingüística: fundamentos Epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2003. p.142-170.

_____. O Interacionismo no Campo Lingüístico. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. (Org.). **Introdução à Lingüística: fundamentos Epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. p.311-351.

_____. Aspectos Sócio-cognitivos da Atividade referencial: as Expressões formulaicas. In: Miranda, N. & Name, M. (Org.). **Lingüística e Cognição** Juiz de Fora: editora da UFJF (2005). p.78-94.

_____, *et al.* **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)**, Campinas, 2005 (Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, processo 03/02604-9).

MOWRER, D. E. *et al.* Sudden onset of excessive repetitions in the speech of a patient with multiple sclerosis: A case report. **Journal of Fluency Disorders**, v. 26, p. 269-309, 2001.

NASCIMENTO, J. C. & CHACON, L. Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação, **Alfa**, São Paulo, v. 50 n.1, p.59-76, 2006.

NEISSER, P. Krankenvorstellung. Fall von "asymbolie" Allg.Z. **Psychiat**, p. 51-87, 1895.

NORRICK, N. Functions of repetition in conversation. **Text**, v. 7, n. 3, p. 245-264, 1987.

ONG, W. **Oralität und Literalität. Die Technologisierung des Wortes**. Opladen, Westdeutscher Verlag, 1987. Do inglês: Orality and literacy. The Technologizing of the Word. London, Methuen, 1982.

PERINI, Mário Alberto. A função da repetição no reconhecimento de sentenças. **Ensaio de lingüística**, UFMG, 1980, p. 111-123.

PRETI, Dino. & URBANO, Hudinilson (org). A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. **Estudos**. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1990.

PRETI, Dino. **A Linguagem dos Idosos: Um Estudo da Análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991, 126p.

RAMAGE, J.; BAYLES, K.; HELM-ESTABROOKS, N. & CRUZ, R. Frequency of perseveration in normal subjects. **Brain and Language**. v. 66, n.3, p. 329-40, 1999.

RAMOS, Jânia. **Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado**. 1983, 137 f. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.

RONDAL, J. A.; SERON, X. **Troubles du Language: Bases théoriques, diagnostic et reeducation**. Mardaga, 1999, 840p.

SCARPA, Mirian Ester. Sobre o sujeito fluente. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, IEL/Unicamp, v. 29, p.163-184, 1995.

SILVA, Luiz Antônio. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: HUDINILSO, H. et al. (org). **Dino Preti e Seus Temas: Oralidade, Literatura, Mídia e Ensino** – São Paulo: Cortez, 2001. p. 128-144.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S., SMITH, E. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. **Department of Linguistics, University of Toronto**, 2005. http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. **Language**, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

TANNEN, Deborah. Ordinary conversation and literary discourse: coherence and Poetics of Repetition. **Annals of the New York academy of science**, 1986.

_____. Repetition in conversation: Toward a poetics of talk. **Language**, v. 63, n. 3, p. 574-605, 1987.

_____. **Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

_____. Ordinary Conversation and Literary Discourse: Coherence and the Poetics of Repetition. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 583, n. 1, p. 15-30, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O Relevo no Português falado: tipos e estratégias. In: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: UNICAMP, São Paulo, 1999, p.77.130. (Série Gramática do Português Falado, vol. VII).

VISCARDI, Janaísa Martins **O Estatuto Neurolingüístico do Automatismo**. 2005, 132 f. Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

WACKERNAGEL-JOLLES, B. **Untersuchungen Zur Gesprochenen Sprache: Beobachtungen Zur Verknüpfung spontanen Sprechens**. Goeppingen, Kummerle, 1971.

WATZLAWICK, P; BEAVIN J. H. & JACKSON, D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1967.

WENGER, E. Communities of Practice Learning as a Social System. **Systems Thinker**, June, 1988. Retrieved Mar 3, 2002.

ANEXO

1. Sistema de notação

Tabela 1 - Símbolos para transcrição dos dados

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu E explicação	(hipótese) (explicação)	Aqui (livro)... ah R (inicial do nome)
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	AfaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora... a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	Eu (5s) tirava <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... —dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. =deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *----- -→* ((aponta com o dedo))

(MORATO et al., 2006)